

2025

**Ana Sophia
López Ocampo**

O Amor Não Morreu Contigo: Narrativas de Luto, Memória e
Continuidade Vincular nas Experiências de Perda

2025

**Ana Sophia
López Ocampo**

O Amor Não Morreu Contigo: Narrativas de Luto,
Memória e Continuidade Vincular nas Experiências de Perda

Dissertação/ Projeto/ apresentada ao IADE -
Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação da
Universidade Europeia, para cumprimento dos
requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre
em design e cultura visual realizada sob a orientação
científica da Doutora Cynthia Levitan, professora
adjunta da Faculdade de Design, Tecnologia e
Comunicação da Universidade Europeia.

Para Walter e Manu que com sua morte trouxeram a vida

agradecimentos

Agradeço à minha mãe, por ser a mulher forte que me sustentou nestes meses; ao Juan, por ser meu guia através do luto; aos meus amigos deste lado do mundo, que continuam a me mostrar bondade e vida nas menores coisas; e à vida, por não deixar de me surpreender.

palavras-chave

Ilustração editorial; Luto; Narrativas visuais; Morte

resumo**O Amor Não Morreu Contigo: A Ilustração Editorial como Ponte no Luto e na Perda**

Esta dissertação investiga o potencial da ilustração editorial como ferramenta de diálogo e reflexão sobre o luto, a morte e a saúde mental. Com uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, a pesquisa reúne narrativas visuais, depoimentos pessoais e entrevistas com especialistas para compreender de que forma o desenho e a linguagem visual podem aproximar gerações e facilitar a expressão emocional. O projeto inclui as vozes de artistas, psicólogos e pessoas que passaram por diferentes tipos de perda. Através da criação artística, o estudo propõe uma leitura do invisível no processo de luto e posiciona a ilustração não apenas como meio de comunicação, mas também como prática de cuidado e memória coletiva.

Keywords

editorial illustration; grief; visual narratives; death

Abstract**Love Did Not Die With You: Editorial Illustration as a Bridge in Grief and Loss**

This thesis explores the potential of editorial illustration as a tool for dialogue and reflection around grief, death, and mental health. Rooted in a qualitative and interdisciplinary methodology, the research brings together visual narratives, personal testimonies, and expert interviews to investigate how drawing and visual storytelling can help bridge the generational gap in emotional expression and mental health care. The project includes the voices of artists, psychologists, and individuals who have experienced different types of loss. Through artistic creation, the study examines the invisible aspects of mourning and positions illustration not only as a means of communication, but also as a form of healing and collective memory.

Sumario

Capítulo 1.....	3
1.1 Introdução.....	3
1.2 A Morte é Universal entretanto a narrativa depende da Cultura.....	6
1.3 Objetivos.....	9
1.3.1 Objetivo geral.....	9
1.3.2 Objetivos específicos.....	9
1.4 Metodologia.....	11
1.5 Contexto e justificativa.....	13
Capítulo 2.	13
2.1 A ilustração como linguagem universal.....	13
Capítulo 3.	20
3.1 A morte na cultura visual.....	20
3.2 Representações históricas da morte.....	23
3.3 A morte na cultura visual contemporânea.....	25
3.4 A perda e a memória na cultura visual.....	26
Capítulo 4.	31
4.1 Arte, perda e o invisível: 5 artistas e suas obras que exploram a perda e a morte.....	31
4.1.1 Remedios Varo: entre dimensões, a morte como trânsito.....	31
4.1.2 Käthe Kollwitz: a dor como testemunho.....	34
4.1.3 Paula Rego: narrativas do trauma e o feminino ferido.....	35
4.1.4 Débora Arango: a morte como denúncia e resistência.....	37
4.1.5 Beatriz González: o luto coletivo e a memória gráfica.....	38
4.2 Quatro projetos de ilustração, autobiografia e novela gráfica: narrativas visuais para atravessar a perda.....	40
4.2.1 Mother, Come Home,.....	40
4.2.2 Dancing at the Pity Party.....	43
4.2.3 Last Things,.....	45
4.2.4 What to Do When I'm Gone.....	47
Capítulo 5.	49
5.1 Entrevistas com 3 profissionais.....	49
5.1.1 Doula da Morte: Entrevista com Iwona – Presença, amor e consciência no fim da vida.....	50
5.1.2 Eutanásia e Amor: Entrevista com Julio Camelo – dignidade, autonomia e presença no fim da vida.....	52
5.1.3 O luto como travessia: Perspetiva clínica de Claudia Sánchez.....	53
5.1.3.1 A Saúde Mental: Pesquisa sobre Acesso, Educação e Diálogo Intergeracional.....	55
Capítulo 6.	60
6.1 Projeto editorial.....	60
6.2 Processo de ilustração.....	61

Capítulo 7.	83
7.1 Considerações Finais e Conclusão.....	83
Capítulo 8.	85
8.1 Índice de Figuras	85
Blogs y artículos en línea.....	88

Capítulo 1.

1.1 Introdução

"A morte não é um evento isolado, mas sim parte do ciclo da vida. Na verdade, a vida e a morte são inseparáveis. A forma como vivemos prepara a forma como morremos, e a forma como morremos prepara a forma como viveremos"
(Rinpoche, 1992, p. 29)

O Amor Não Morreu Contigo é um projeto editorial que nasce de uma necessidade profundamente humana: compreender e ser compreendido em nossa dor. Através da imagem, busca criar um espaço de reflexão sobre a morte, reconhecendo que cada indivíduo vivencia a perda de maneira única. O luto, embora profundamente íntimo, é um processo inevitável.

Historicamente, a morte foi tratada de formas diferentes dependendo da cultura, do momento e das circunstâncias. Passou de ser um tema mais público para se tornar algo privado. Foi concebida como um território atemporal, onde a dor da perda não tem um fim definido, mas sim etapas que cada pessoa percorre de forma íntima.

No entanto, atualmente, o paradigma em torno da morte está mudando. Esse movimento não se limita à transformação dos rituais cristãos tradicionais — como a missa de corpo presente ou o velório em igrejas —, mas se estende a uma reconfiguração cultural mais ampla, que atravessa diferentes crenças e práticas religiosas. O contato com diversas tradições espirituais e culturais nos permite observar e questionar distintas maneiras de lidar com a morte, abrindo espaço para visões que não a concebem exclusivamente como um ponto final associado a ideias de céu ou inferno. A pergunta sobre o que acontece quando morremos está ligada àqueles que acreditam na existência da alma, do espírito ou de uma essência que habita o corpo para além da matéria física.

Assim, a mudança de paradigma envolve não apenas o cristianismo, mas também outras cosmovisões que oferecem interpretações próprias sobre o morrer e o pós-morte. Na era da informação e do acesso facilitado ao conhecimento, torna-se ainda mais próximo o contato com essas diversas perspectivas, permitindo um diálogo ampliado sobre o tema.

Nesse contexto, surge a necessidade de falar sobre a perda e a saúde mental, dando visibilidade à dor e à possibilidade de abordá-la de maneira ampla, generosa e compassiva por meio da ilustração. A morte e a perda que ela acarreta afetam a nossa vida cotidiana de uma forma que, muitas vezes, o mundo ao nosso redor não consegue compreender. A morte exige tempo e atenção para quem acaba de sofrer uma perda, mas os tempos institucionais de luto raramente consideram esse processo individual. Pensar que existem apenas cinco dias para chorar e, em seguida, retornar ao trabalho torna-se algo complexo, já que quem retoma sua rotina continua carregando a dor.

Por isso, compreender a morte como um ponto no qual também se deve falar sobre saúde mental é fundamental, pois ambos os temas caminham juntos em todos os momentos.

A partir desse olhar, a morte é entendida como uma passagem inevitável da vida, e o luto, como uma experiência intrínseca à existência humana. Mas, sendo a morte algo inevitável para todos, ela também pode ser vista como um espaço amoroso e de encontro com a vida — porque onde há morte, houve vida; e onde há dor por uma perda, há amor.

É dentro desse ciclo inevitável que a morte pode ser vista com gratidão, como um convite para se despedir do outro com reconhecimento pela sua existência. Como menciona a escritora Chimamanda Ngozi Adichie em seu livro sobre o luto:

“A dor era uma celebração do amor; aqueles que sentiam dor verdadeira tinham tido a sorte de amar.”

(Adichie, 2021, p. 76-77)

Este ensaio inscreve-se numa linha de investigação que reconhece a experiência pessoal como um dispositivo epistemológico válido na produção de conhecimento, sobretudo quando atravessada por eventos-limite, como o luto. Tal abordagem, ancorada em metodologias autoetnográficas e nos estudos da imagem e da memória, propõe uma reflexão situada, onde o afeto e a vivência concreta operam não como obstáculos à objetividade, mas como catalisadores de pensamento crítico (Ellis, Adams & Bochner, 2011; Leavy, 2015). O luto, neste contexto, não é abordado apenas como experiência emocional, mas como transformação profunda nos modos de perceber, narrar e habitar o mundo. Como argumentam Freud (1917), Barthes (1980) e Derrida (2001), a perda de alguém próximo altera os regimes de significação, desorganiza o tempo e convoca novos gestos de linguagem, presença e criação.

Neste ano, entre as últimas semanas de janeiro e os primeiros dias de fevereiro, perdi uma das minhas melhores amigas e meu pai — duas mortes muito diferentes, marcadas pela decisão de não querer mais viver. Do meu pai, pude me despedir, segurar sua mão enquanto lhe aplicavam a eutanásia, dizer-lhe que estava profundamente orgulhosa de ser sua filha e vê-lo descansar entre aqueles que mais amava, em sua cama. Ter a oportunidade de se despedir e permitir que o outro decida partir faz parte de uma morte digna — uma morte que agora penso com gratidão, não apenas por estar presente para ele, mas por ele ter podido escolher que, em meio à sua doença, morrer era mais viável do que continuar vivendo em sofrimento.

Sem saber, a morte da minha amiga, 15 dias antes, me preparava para esse momento. Desta experiência, percebi que quando a morte chega, nunca mais vai embora — torna-se uma companhia. O luto não é só pela perda de quem partiu, mas também por aquilo que muda em nós: a pessoa que éramos antes de perder alguém também deixa de existir. É nesse processo de reconhecer e reencontrar quem sou agora que penso neste projeto. Pensar na imagem e em diferentes reflexões como um espaço que possa ajudar a curar, comunicar e propor uma relação mais leve, mas igualmente profunda, com a morte.

A pergunta "Onde dói?" é um convite para explorar o próprio desconforto emocional, mas uma ponte para a memória coletiva da dor. Desafia-nos a olhar além das nossas próprias experiências e perguntar como aqueles que nos precederam viveram o sofrimento. Como enfrentaram seus medos? Como enfrentamos hoje a perda? O que a morte nos deixa, além da dor?

Durante a infância, uma pergunta comum diante do desconforto era: "Onde dói?" ou "O que está doendo?". Aquilo que sentimos é raiva, frustração ou uma sensação de injustiça? A memória coletiva e familiar muitas vezes se torna um espaço terapêutico para as novas gerações; compreender nossa história é reconhecer quem somos no presente. No entanto, que tipo de educação emocional recebemos sobre a morte em nossos lares?

De uma forma ou de outra, a morte está sempre presente: a perda de um amigo da família, a partida dos avós e, mais recentemente, a pandemia, que tornou tangível, de maneira crua, a possibilidade de morrer.

A morte, vista como inimiga, como ponto final, tem sido associada exclusivamente à dor. Mas a morte de alguém que amamos é frequentemente uma oportunidade de renascimento em nossas próprias vidas — de aprender a viver em um cenário onde o outro já não está fisicamente, mas talvez esteja ainda mais presente em nossos pensamentos.

A perda de alguém que amamos abre diante de nós um novo panorama, nos conduz à reflexão e nos exige atenção para aprender com a dor. De certo modo, nos convida a colocar nossos afetos em ordem, a viver plenamente e deixar de adiar coisas diante da iminência da morte. No entanto, isso não é igual para todos — a perda e o contexto em que ela ocorre influenciam profundamente como vivenciamos a morte de alguém querido.

A morte como experiência total exige nossa atenção absoluta. Não apenas porque a dor pode ser tão avassaladora que parece parar o mundo, mas porque até nossas necessidades básicas — dormir, comer, nos mover — podem ser suspensas diante da perda. A morte nos confronta, nos atravessa, nos transforma, não importa se chega de maneira esperada ou repentina. "Para sofrer a perda, é preciso ter desfrutado do contato, é a dialética da vida. A dor, assim como o amor, tem seus tempos, seus ritmos, seus períodos." (Cabodevilla, 2007, p. 162)

Aqueles que acompanham a morte e a vivenciam estão, de certa forma, sobrevivendo a ela. A perda não implica apenas na ausência do ente querido, mas também na perda de uma parte de nós mesmos: a versão de quem éramos antes de perdê-lo.

Embora a morte seja um fenômeno universal, seu significado varia conforme a perspectiva de quem a observa. O que acontece depois da morte? Embora essa pergunta não tenha uma única resposta, a ilustração busca gerar um espaço de diálogo e encontro entre a dor e o aprendizado da perda, entre a gratidão pela vida e a aceitação da morte.

É através da morte que acabamos por conhecer verdadeiramente quem partiu. Como mostra Paul Auster em *A invenção da solidão*: "Paradoxalmente, começo a descobrir quem foi meu pai agora que ele já não está. Tive que me tornar seu executor — não apenas de seus papéis, mas de seu silêncio — para começar a vê-lo." (Auster, *A invenção da*

solidão, p. 29). Neste livro, ele reflete sobre a figura de seu pai após o falecimento. Através de suas memórias e dos objetos que seu pai deixou para trás, Auster reconstrói a imagem de um homem cuja identidade ia muito além do papel de pai. Somente na ausência, ele começa a perceber quem ele foi antes de se tornar pai, compreendendo que sua existência era mais complexa e vasta do que jamais imaginou. A obra torna-se, assim, uma meditação sobre a memória, a identidade e a maneira como a morte transforma a percepção que temos daqueles que nos precederam.

1.2 A Morte é Universal entretanto a narrativa depende da Cultura

A morte, uma das experiências mais universais que todos os seres humanos enfrentam, tem sido entendida e vivida de diferentes formas ao longo da história. Embora em muitas culturas ocidentais a morte seja percebida como o fim definitivo da existência, outras tradições espirituais e filosóficas oferecem uma visão mais expansiva, vendo o processo de morrer não como uma conclusão, mas como uma transição, um passo para algo além do tangível. Essa diversidade de perspectivas reflete não apenas as diferenças culturais, mas também as diversas formas de conceber a própria vida.

Retiramos de nós a responsabilidade de ter nossa própria crença sobre a morte porque sentimos que, culturalmente, já temos uma resposta. No entanto, a morte, por ser uma experiência tão profundamente íntima, nos propõe novas respostas, uma verdade única para cada indivíduo que experimenta a perda. Em grande parte do mundo ocidental, especialmente sob a influência do pensamento moderno e científico, a morte foi reduzida a um evento biológico e doloroso, um fim. Segundo a Clínica Universidade de Navarra (s.d.): "Cessação da atividade integrada do organismo, que se manifesta por uma série de sinais clínicos. Não existem estados intermediários entre a vida e a morte: ou essa atividade vital orgânica se mantém (ainda que com ajuda), ou já não existe". Essa visão, profundamente influenciada pela medicina e pela biologia, fez com que, em muitos casos, a morte fosse vista com medo ou desconforto, um tabu que se evita tratar ou discutir abertamente, e, acima de tudo, um lugar onde as perguntas não têm lugar.

No entanto, muitas culturas ao redor do mundo desenvolveram uma visão da morte muito mais ampla, vendo nela não um desaparecimento, mas uma transição para outro estado de existência. Para os pensadores existencialistas, a morte não é apenas o fim da vida biológica, mas uma dimensão essencial da existência humana. Martin Heidegger (1927) considera-a a "possibilidade mais própria" do ser, pois é intransferível e inevitável. A consciência dessa finitude obriga o indivíduo a confrontar a sua liberdade e a escolher viver de forma autêntica. Jean-Paul Sartre (1943) reforça essa ideia ao ver a morte como o limite da liberdade, um acontecimento que escapa ao nosso controle e encerra todas as possibilidades, intensificando a responsabilidade de atribuir sentido à vida enquanto se está vivo. Já Albert Camus (1942) vê na morte a prova final do absurdo, o confronto entre o desejo de sentido e o silêncio do mundo, defendendo, no entanto, uma atitude de revolta e de afirmação da vida. Em síntese, a morte, para o existencialismo, não conduz à paralisia, mas sim à urgência de viver com lucidez, liberdade e autenticidade.

Em algumas dessas tradições, a morte não marca o fim, mas o começo de uma jornada para outro plano de consciência ou existência, seja espiritual ou metafísico. A morte, neste

contexto, é compreendida como parte integrante de um ciclo contínuo que vai além do físico.

Um exemplo significativo dessa visão é o pensamento tibetano, particularmente através de sua concepção dos bardos, como descrito no *Bardo Thodol* ou o "Livro Tibetano dos Mortos" (Lama, S. 1980). Nesta tradição, a morte não é vista como um corte abrupto, mas como uma transição através de várias etapas intermediárias. "A morte não é o fim; é simplesmente um trânsito para um novo ciclo. O ser humano tem a oportunidade, ao experimentar a morte, de alcançar a liberação final, se sua mente estiver preparada corretamente" (Lama, 1980, p. 102). O bardo da morte é um estado no qual o indivíduo passa por uma série de fases, cada uma acompanhada de visões e desafios espirituais que devem ser compreendidos e superados para alcançar a liberação. Assim, a morte é entendida não apenas como o fim da vida física, mas como um processo que pode ser compreendido e trabalhado conscientemente, oferecendo àqueles que passam por esse processo uma oportunidade de alcançar a iluminação. Sobre esse aspecto, Rinpoche aprofunda-se em seu livro *O Livro Tibetano da Vida e da Morte*, onde apresenta uma visão da morte menos limitante e questiona nossa relação com ela:

"O mais importante na vida é estar preparado, não apenas para a morte, mas também para viver. A preparação para a morte é, em última instância, preparação para viver plenamente, com plena consciência de cada momento, sabendo que nossa vida é preciosa e que a morte é simplesmente um passo no caminho para a liberdade" (Rinpoche, 1992, p. 75).

O conceito da morte no budismo tibetano também destaca a importância da preparação espiritual antes de morrer. A consciência não é vista como algo que simplesmente se extingue no momento da morte, mas como um contínuo que segue existindo além do corpo físico. Através de práticas espirituais como o *phowa*, uma técnica para a transferência consciente da consciência, busca-se direcionar o fluxo de energia vital para um local ou estado mais favorável, o que abre a porta para um renascimento ou para uma liberação definitiva. Esse enfoque implica uma relação ativa com a morte, uma relação que permite aos indivíduos não apenas enfrentarem seu fim inevitável, mas fazê-lo de maneira consciente e transcendental.

A cultura do Tibete apresenta uma visão ampla e complexa da morte, conforme podemos conhecer por meio de sua literatura, como o *Bardo Thödol* (conhecido como "Livro Tibetano dos Mortos"), e dos registros filosófico-religiosos budistas. Nessa tradição, a morte é compreendida como uma etapa transitória dentro de um ciclo contínuo de renascimentos, e existe todo um conjunto de práticas voltadas para orientar a consciência após a morte, com o objetivo de alcançar a iluminação ou uma reencarnação mais favorável. Embora outras culturas também possuam perspectivas igualmente profundas sobre o morrer, muitas vezes sua difusão ou registro histórico tem sido mais restrita ou menos visibilizada.

Apesar disso, muitos povos indígenas, religiões e tradições espirituais ao redor do mundo compartilham da ideia de que a morte não é um fim absoluto, mas sim uma parte natural do ciclo da vida. Em diversas culturas africanas, por exemplo, a morte é vista como uma

transição para o mundo dos ancestrais — um reino invisível, mas presente, no qual os mortos continuam exercendo um papel ativo como guardiões e conselheiros espirituais. Essa concepção de continuidade fortalece o vínculo intergeracional e a responsabilidade coletiva com o passado.

No Brasil, a herança ancestral manifesta-se em diferentes expressões religiosas de matriz africana, que preservam e ressignificam a relação entre vivos e mortos. No candomblé, essa visão se expressa no culto aos orixás e na reverência aos eguns, os espíritos dos antepassados, cuja presença é mantida por meio de rituais, oferendas e cantos. Trata-se de uma relação ativa e comunitária, na qual a memória dos mortos garante equilíbrio espiritual, proteção e continuidade da vida, como observa Prandi (2001) ao destacar que a lembrança do falecido é essencial para que ele “possa nascer de novo” (p. 102). Já a Umbanda, religião genuinamente brasileira surgida em 1908 no Rio de Janeiro, amplia esse diálogo ao integrar elementos do catolicismo, do espiritismo kardecista, das tradições afro-brasileiras e das práticas indígenas. Seu princípio central é a caridade e a promoção da harmonia entre o plano espiritual e o material, reconhecendo um Deus supremo (Olorum ou Zambi) e uma hierarquia de entidades, como caboclos, pretos-velhos e crianças, que orientam os fiéis. Como afirma Moraes (2019), a Umbanda consolidou-se historicamente como fruto desse encontro de matrizes culturais e espirituais, revelando o caráter plural e dinâmico das religiosidades brasileiras. De forma semelhante, em muitas culturas latino-americanas, como no México, o *Día de los Muertos* é uma celebração profundamente enraizada que mistura tradições indígenas e influências católicas. Essa fusão tem origens no século XVI, quando os espanhóis trouxeram para a América Latina a celebração católica do *Día de los Fieles Difuntos*, que se mesclou com os rituais indígenas de homenagem aos mortos (Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade Vanderbilt, s.f.). Atualmente, no início de novembro, muitas pessoas em toda a América Latina honram seus entes falecidos e celebram o ciclo da vida com nomes variados: *Día de Muertos*, *Día de Todos los Santos*, *Día de los Difuntos* e *Día de los Angelitos*, este último dedicado às crianças falecidas (Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade Vanderbilt, s.f.).

Essa tradição reflete uma visão da morte como parte contínua da vida, e não como fim absoluto. As famílias constroem altares decorados com velas, flores, alimentos e objetos simbólicos que eram apreciados pelos mortos. Esses elementos têm o propósito de guiar e acolher os espíritos que retornam temporariamente ao mundo dos vivos. Segundo o documento, “os elementos do altar representam o mundo físico e espiritual, criando uma ponte entre os vivos e os mortos” De acordo com o Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade Vanderbilt, (s.f.) Assim, essa celebração mostra que a morte, longe de ser uma separação definitiva, pode ser vivida como um momento de comunhão e continuidade afetiva entre os mundos visível e invisível.

Essas visões plurais nos convidam a repensar o paradigma ocidental moderno da morte como ruptura absoluta, oferecendo alternativas em que o morrer é parte integrante da vida — não como seu oposto, mas como seu espelho e extensão. “Nunca devemos esquecer que as manifestações do luto não são universais nem generalizáveis, mas estão mediadas pela cultura em que ocorrem” (García, 2007, p. 73, tradução).

A forma como a morte é abordada nessas culturas ressalta uma visão que vai além da Visão ocidental da morte como fim. A concepção da morte em muitas tradições não busca evitá-la, mas abraçá-la como parte natural do ciclo da vida, um ciclo que conecta todas as gerações passadas, presentes e futuras.

Em conclusão, enquanto a cultura ocidental tende a ver a morte como um fim inevitável e irreparável, muitas outras culturas mantêm uma visão muito mais expansiva, onde a morte é apenas uma transição para algo diferente. A cultura tibetana, com seu enfoque nos bardos e na consciência após a morte, oferece um exemplo de como podemos transformar nossa relação com a morte, vendo-a não como um corte abrupto, mas como uma jornada de transcendência espiritual, uma oportunidade para a liberação e o crescimento contínuo além do corpo físico.

1.3 Objetivos

Este projeto editorial nasce da necessidade pessoal de criar um espaço catalisador onde seja possível falar sobre a morte, a perda e tudo aquilo que dói, mas raramente é nomeado.

Não se trata apenas de pensar a morte como um fim, mas como uma oportunidade de ressignificar o presente, honrar o amor de quem já partiu e compreender que, embora a pessoa morra, o amor que habitava nela não desaparece: transforma-se, expande-se e continua entre os vivos.

A partir de um olhar sensível e comprometido, este projeto propõe questionar como aprendemos — histórica e culturalmente — a nos relacionar com a morte. Que lugar ela ocupa em nossas narrativas pessoais e coletivas? Como é representada nas imagens, nas palavras, nos silêncios? A morte, frequentemente excluída do discurso cotidiano, aparece como um território incômodo, mas necessário de ser habitado para que possamos nos reconciliar com a própria vida — viver com e através dos sentimentos, dar lugar a todos eles, aprender a nomeá-los e pensar a morte a partir de seu lugar mais lógico: o de que ela é inevitável.

Por meio de uma metodologia interdisciplinar que articula pesquisa teórica, entrevistas com pessoas que vivenciaram perdas significativas, psicólogos, médicos e a criação visual, esta proposta busca explorar o poder da ilustração editorial como ferramenta para gerar diálogo, empatia e reflexão. A imagem — quando nasce da experiência, do respeito e da escuta — pode ser uma ponte para dizer o indizível, para acompanhar o que não pode ser resolvido, para tornar visível o invisível: uma dor que existe por causa de um grande amor.

1.3.1 Objetivo geral

Pretende-se: Desenvolver uma publicação ilustrada que utilize a ilustração como ferramenta de mediação para abordar o tema da morte, promovendo uma relação mais consciente, natural e acolhedora com esse processo, e oferecendo suporte visual e narrativo para a reflexão sobre a perda.

1.3.2 Objetivos específicos

Nesse sentido, o projeto propõe a construção de um arquivo visual e narrativo que dialogue com a experiência da perda. Trata-se de abrir espaço para as ausências, os afetos e as marcas deixadas pelo luto, permitindo que essas vivências ganhem voz, forma e significado. Mais do que abordar a morte como fim, esta é uma proposta que se concentra no amor que permanece, na memória que resiste ao esquecimento e na capacidade humana de transformar a dor em criação e partilha.

Busca-se compreender como diferentes culturas representam e elaboram a morte, ampliando o olhar para além da perspectiva ocidental que a compreende unicamente como ausência ou sofrimento. A publicação funciona como um espaço de reflexão sensível, possibilitando que leitores de diferentes gerações se aproximem do tema por meio de uma abordagem íntima, poética e restauradora. A ilustração, enquanto linguagem visual e simbólica, será o principal recurso para abrir esse diálogo, oferecendo camadas de sentido que favoreçam uma relação mais amorosa e integrada com a finitude da vida.

Dessa forma, os objetivos específicos desta pesquisa são:

Investigar as narrativas visuais e simbólicas da morte em diferentes contextos culturais, a fim de ampliar a compreensão sobre os modos de representar e lidar com a finitude, o luto e a memória.

Reunir e construir um repertório visual e narrativo que acolha experiências pessoais e coletivas de perda, favorecendo a elaboração simbólica e emocional do luto.

Desenvolver uma publicação ilustrada como espaço de escuta e cura, que convida à reflexão sobre a morte de maneira sensível e acessível, acolhendo leitores de distintas faixas etárias e trajetórias.

Explorar o potencial da ilustração como linguagem poética e mediadora, capaz de comunicar aquilo que escapa à palavra, promovendo empatia, acolhimento e conexão diante da experiência da perda.

Nesse contexto, a ilustração editorial torna-se um meio para abrir conversas pendentes, propor novas reflexões e criar espaços de diálogo sobre a morte. Por meio de imagens, metáforas visuais e narrativas gráficas — e a partir de uma experiência pessoal profunda de perda — busca-se raduzir emoções complexas em formas compreensíveis, acessíveis e comoventes. A ilustração não apenas comunica uma mensagem, mas a amplia, a torna tangível e a enche de nuances humanas. É uma linguagem que não se limita às palavras, mas se torna sua aliada para alcançar quem a recebe de maneira diferente.

Este projeto busca explorar como a linguagem visual pode se tornar um catalisador para o diálogo sobre o inevitável: a perda. Através de uma abordagem interdisciplinar que combina pesquisa teórica, entrevistas e a criação de uma proposta editorial, procura-se evidenciar o impacto da ilustração na construção de empatia e entendimento.

Além disso, a dor da perda é abordada como uma experiência que atravessa todas as idades, explorando como a ilustração pode oferecer um espaço simbólico para processar a ausência, ressignificá-la e construir pontes entre aqueles que vivenciaram a dor de maneiras diversas.

Onde Dói não é apenas um projeto sobre ilustração e morte. É uma tentativa de dar voz ao que foi silenciado, de criar imagens que falem quando as palavras não são suficientes e, sobretudo, de nos lembrar que, embora a dor seja diferente em cada pessoa, o desejo de sermos compreendidos nos une a todos.

1.4 Metodologia

A metodologia deste projeto assenta numa abordagem qualitativa e parte da necessidade de compreender de forma profunda e sensível as experiências relacionadas com a perda e a morte, bem como as formas como estes temas são representados e ressignificados através da ilustração editorial. Em vez de procurar respostas quantitativas ou dados estatísticos, esta investigação orienta-se para a exploração de significados, emoções, narrativas visuais e subjetividades, reconhecendo que estes fenómenos não podem ser reduzidos a números, nem tratados a partir de uma perspetiva meramente objetiva. Desta forma esta metodologia prevê uma análise qualitativa priorizando o aprofundamento por meio de entrevistas.

Este percurso metodológico está também alinhado com a visão de autores que reconhecem o valor epistemológico do fazer artístico como forma de produção de conhecimento. John Dewey (1934), filósofo e educador norte-americano, defende que a experiência estética é inseparável da experiência humana e que a prática artística é, por si só, um processo de investigação. Para Dewey, “a arte é a mais elevada forma de experiência porque envolve a completa vida do indivíduo em relação com o mundo” (Dewey, 1934, p. 45). O conhecimento não é algo externo que se adquire de forma passiva, mas sim algo que se constrói na interação entre sujeito, matéria e mundo, onde a experiência vivida se torna central. Nesse sentido, o processo criativo envolve reflexão, descoberta e transformação — elementos essenciais em qualquer prática investigativa. Esta perspetiva aproxima-se das propostas da autoetnografia, entendida como uma abordagem que combina a investigação académica com a experiência pessoal e afetiva, transformando a vivência individual em narrativa analítica (Ellis, Adams & Bochner, 2011). Do mesmo modo, conecta-se com o campo da investigação baseada nas artes, em que, segundo Leavy (2015), a prática artística constitui um método legítimo e poderoso de produção de conhecimento, capaz de integrar experiência pessoal e reflexão crítica sobre questões sociais, culturais e existenciais.

Na mesma linha, o filósofo Jacques Bois (2006) propõe uma valorização do *saber sensível*, uma forma de conhecimento que não se limita à razão lógica ou objetiva, mas que emerge da sensibilidade, da corporeidade e da relação com o outro. Bois argumenta que “a sensibilidade é uma via para conhecer o invisível, aquilo que não pode ser capturado pela lógica, mas que se manifesta no encontro com o outro e na criação” (Bois, 2006, p. 72). Esta perspetiva é particularmente relevante quando se trata de abordar temas como o luto e a perda, que tocam o indizível e o não verbalizável.

Complementarmente, António Damásio (1994) traz uma contribuição essencial ao demonstrar, a partir da neurociência, que os processos cognitivos estão profundamente entrelaçados com as emoções e com o corpo. Ao contrariar a antiga separação cartesiana entre razão e emoção, Damásio sustenta que “não existe razão sem emoção; elas são componentes inseparáveis da mente humana” (Damásio, 1994, p. 97). Assim, ao incluir dimensões emocionais e subjetivas no percurso metodológico, esta investigação reconhece que o conhecimento também se dá através do sentir, do intuir e do imaginar.

Nesta investigação, foram empregues diversas estratégias complementares que permitem abordar o tema a partir de diferentes ângulos. Em primeiro lugar, realizaram-se entrevistas qualitativas com três profissionais da área da saúde: uma psicóloga, um médico e uma doula de fim da vida. As suas vozes oferecem uma um olhar especializada e ética sobre o acompanhamento do luto, as dimensões emocionais da perda e as formas como estas experiências se manifestam no corpo, na linguagem e nas relações humanas. As entrevistas seguiram um modelo semiestruturado, com espaço para a conversação livre e a escuta ativa, permitindo o surgimento de reflexões espontâneas e pessoais.

Paralelamente, foi concebido e aplicado um breve inquérito a um grupo reduzido de participantes, com perguntas abertas e fechadas, como instrumento para recolher vivências, perceções e pensamentos sobre a importância da saúde mental. Este instrumento procurou reunir tanto dados pessoais como perceções coletivas sobre a forma como atualmente compreendemos a saúde mental e as razões pelas quais esta é diretamente afetada pela morte e pela perda.

Como parte essencial do processo, foi realizada uma análise de obras de artistas plásticos e ilustradores que abordam os temas da morte, da dor e da transformação emocional através da linguagem visual. Esta análise centrou-se na identificação de metáforas, recursos narrativos e escolhas estéticas que contribuem para representar o indizível, o invisível ou o não dito. As obras selecionadas foram escolhidas pela sua profundidade simbólica, carga afetiva e capacidade de abrir diálogo com quem as observa.

Por fim, integrou-se uma dimensão auto reflexiva através de um diário de bordo pessoal. Neste registo foram documentadas emoções, intuições, decisões criativas e descobertas significativas surgidas ao longo do desenvolvimento do projeto. Esta ferramenta acompanhou não só o processo criativo, mas também permitiu pensar a investigação a partir de um lugar encarnado e honesto, reconhecendo que toda a aproximação ao luto implica igualmente uma implicação subjetiva.

O resultado final deste percurso é uma publicação editorial ilustrada, que reunirá os diversos fragmentos desta pesquisa: as vozes dos profissionais, as respostas anónimas do inquérito, as imagens de artistas que souberam tocar o intangível, e as ilustrações autorais nascidas no cruzamento entre a investigação e a experiência pessoal. Este livro não pretende oferecer respostas definitivas, mas sim abrir um espaço de ressonância, diálogo e ternura para quem atravessa a perda ou deseja acompanhá-la com maior consciência.

1.5 Contexto e justificativa

"Falar da morte é, muitas vezes, falar de silêncios. De tudo aquilo que não sabemos nomear, mas sentimos profundamente."

A morte é uma das poucas certezas da existência humana, mas permanece como um dos temas mais evitados e estigmatizados nas sociedades ocidentais contemporâneas. Esta pesquisa nasce de uma vivência pessoal de perda — a morte de duas pessoas muito próximas em um intervalo curto de tempo — e do desejo de compreender o luto (*perda*) não apenas como ausência, mas como um território possível de escuta, criação e diálogo.

No contexto atual, marcado por crises de saúde mental, isolamento emocional e processos de aceleração digital, o luto tende a ser individualizado e silenciado. As vivências de perda não encontram espaços seguros de expressão simbólica, afetiva ou intergeracional. É nesse cenário que a ilustração editorial emerge como uma linguagem potente para mediar conversas difíceis, traduzir afetos e criar pontes entre mundos internos e realidades coletivas.

Através de uma abordagem qualitativa, esta pesquisa propõe investigar de que forma a ilustração editorial pode atuar como ferramenta de escuta, acolhimento e ressignificação diante da morte e da perda. O estudo parte de experiências subjetivas para dialogar com autores da filosofia, psicologia, arte e comunicação, buscando construir um olhar transdisciplinar sobre a morte — não como fim absoluto, mas como transição, transformação e possibilidade narrativa.

A justificativa deste trabalho reside na urgência de ampliar os recursos simbólicos e visuais disponíveis para lidar com o luto. Ao propor uma publicação ilustrada que une pesquisa, experiência e criação visual, pretende-se contribuir para a valorização de práticas artísticas como formas de cuidado, reflexão e reconstrução do sentido. Trata-se de um gesto político e poético: desenhar sobre o que dói, para que não doa sozinho.

Capítulo 2.

2.1 A ilustração como linguagem universal

O desenho como ferramenta para contar e transmitir histórias nos acompanha desde o início da humanidade. Desde as pinturas rupestres até as representações em cerâmica, tecidos e muros, as imagens têm sido um meio fundamental para registrar, comunicar e preservar conhecimentos, emoções e narrativas. Parece que a necessidade de desenhar e, por meio disso, contar uma história atravessa todas as épocas e culturas, manifestando-

se em diferentes formas e técnicas. Como aponta Berger (2006), ver precede as palavras, e as imagens são uma das primeiras formas que o ser humano encontrou para compreender e dar sentido ao mundo à sua volta.



Figura 1 Bojacá, N. (2021). Fotografia Periódico UNAL.

No entanto, a ilustração, entendida como uma disciplina que combina imagem e texto com um propósito narrativo ou explicativo, começa a tomar forma na história em meados da Idade Média com os manuscritos iluminados. Nestes códices, a imagem e o texto começaram a estabelecer uma relação mais estreita, não apenas embelezando o conteúdo escrito, mas também complementando-o e expandindo-o. Esse processo revelou o poder das imagens quando acompanham um texto, enriquecendo a compreensão e a experiência do leitor.



Figura 2. Iluminação do Livro de Horas manuscrito e iluminado, ca. 1480. Museu de Artes Decorativas, Chile.

Um ponto de inflexão na história da ilustração ocorreu no século XV com a invenção da imprensa de tipos móveis por Johannes Gutenberg. Esse avanço tecnológico revolucionou a produção de livros, permitindo a reprodução em massa de textos e imagens e democratizando o acesso ao conhecimento. À medida que a imprensa se espalhava pela Europa, a ilustração assumia um papel ainda mais relevante, ao facilitar a inclusão de gravuras e xilogravuras em livros e panfletos, contribuindo para a difusão de ideias e narrativas em uma escala sem precedentes.

Foi graças à imprensa que a ilustração deixou de ser um recurso exclusivo de manuscritos feitos à mão e passou a ser um meio acessível e reproduzível, com um impacto significativo na educação, na ciência e na cultura popular. Com o tempo, essa evolução levou ao desenvolvimento de técnicas mais sofisticadas de impressão, como a litografia e a serigrafia, consolidando a ilustração como uma ferramenta indispensável na

comunicação visual, abrangendo desde livros e jornais até cartazes, quadrinhos e mídias digitais na atualidade.

O quadrinho, em particular, emergiu como uma das expressões mais influentes dentro da ilustração impressa. Seus antecedentes podem ser rastreados até as caricaturas satíricas e gravuras narrativas dos séculos XVIII e XIX, mas sua consolidação como meio próprio ocorreu no século XX, com o surgimento das histórias em quadrinhos e das novelas gráficas. Com sua capacidade de combinar imagem e texto em uma narrativa sequencial, o quadrinho tem servido como um veículo poderoso para contar histórias — do entretenimento à crítica social e ao testemunho histórico.

The Yellow Kid é considerado o primeiro quadrinho moderno da história. Apareceu pela primeira vez em 1895 no suplemento dominical do jornal *New York World*, criado por Richard F. Outcault. Seu protagonista, um menino careca vestido com uma grande camisa amarela, representava com humor e crítica social a vida nos bairros pobres de Nova York. Foi pioneiro ao usar balões de fala escritos diretamente na roupa do personagem, marcando assim o início da linguagem visual típica dos quadrinhos. E é a partir dessa estrutura que a narrativa começa a ter outro vínculo com as imagens — passamos a deixar de pensar nas imagens separadas do texto e a vê-las como aliadas para contar histórias, para conectar.

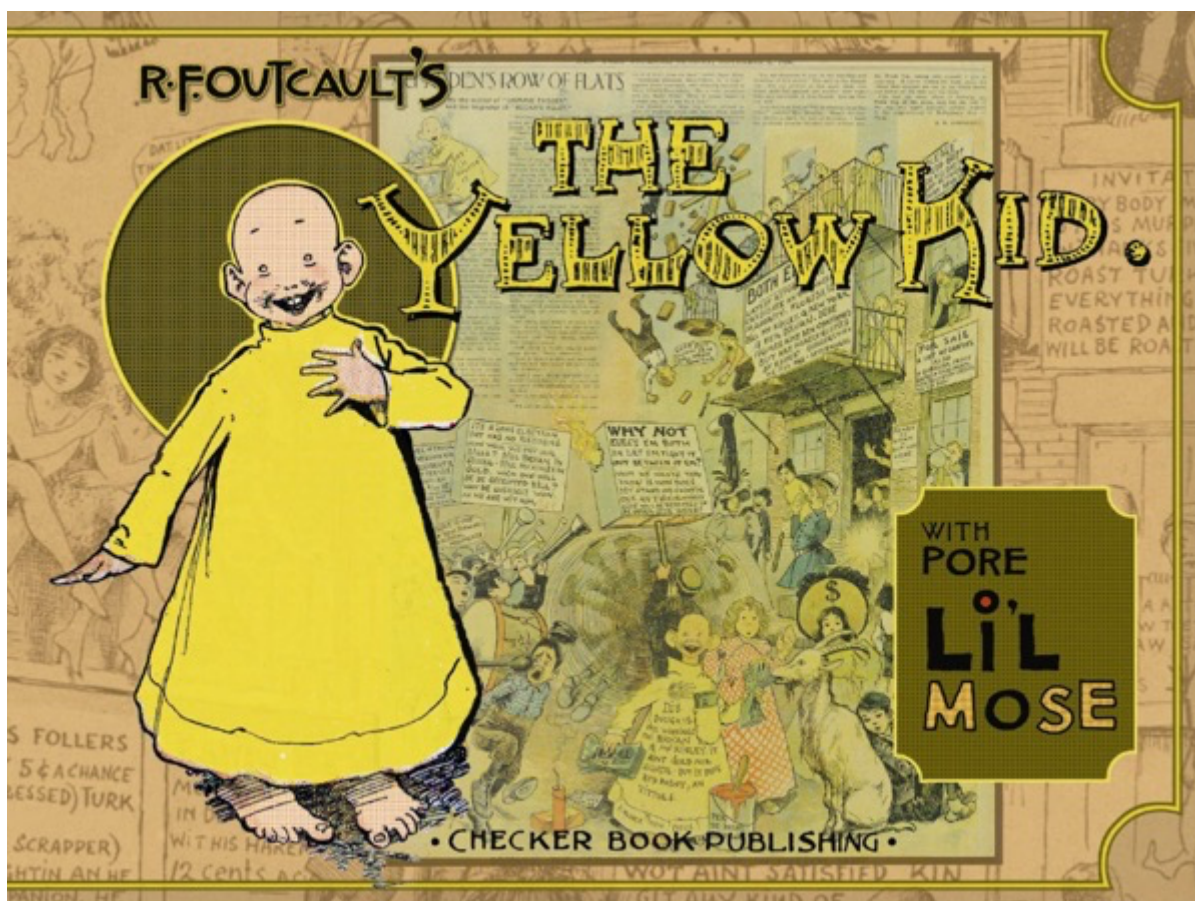


Figura 3. The Yellow Kid, 1895. Imagem incluída em História do quadrinho. BiblioRedes, 2020.

Atualmente, a ilustração evoluiu ainda mais com a chegada das ferramentas digitais e das plataformas online. A ilustração digital ampliou as possibilidades criativas, permitindo a experimentação com novas técnicas e estilos, enquanto os quadrinhos encontraram espaço em formatos interativos, animações e webcomics que alcançam audiências globais pela internet. Redes sociais, publicações digitais e o crescimento da autopublicação deram mais visibilidade e autonomia a ilustradores e ilustradoras, que agora podem compartilhar seu trabalho sem depender exclusivamente dos meios tradicionais.

Uma das novelas gráficas mais importantes dos últimos anos é *Persépolis*, uma obra autobiográfica escrita e ilustrada por Marjane Satrapi. A história narra a infância e adolescência da autora no Irã durante a Revolução Islâmica, e mostra como as mudanças políticas influenciaram profundamente sua vida e identidade. Com um estilo simples, em preto e branco, e figuras claras, *Persépolis* se consolidou como uma obra-chave dentro do quadrinho contemporâneo por seu caráter íntimo e sua postura crítica frente ao conflito. Como analisa Chute (2010), a obra de Satrapi articula uma narrativa de memória e agência política que redefine os limites do testemunho gráfico e do gênero autobiográfico. Em 2007, Satrapi codirigiu, junto com Vincent Paronnaud, a adaptação cinematográfica de sua obra. O filme, animado e também em preto e branco, manteve-se fiel ao estilo visual do quadrinho e preservou seu tom autobiográfico e político. Foi aclamado internacionalmente, ganhou o Prêmio do Júri em Cannes e foi indicado ao Oscar de Melhor Filme de Animação. Muitas pessoas conheceram primeiro o filme e depois o livro,

e o mundo visual de *Persépolis* se tornou um dos referenciais gráficos mais importantes dos últimos anos. É um fenômeno semelhante ao de *O Pequeno Príncipe* escrito e ilustrado por **Antoine de Saint-Exupéry**, que nos leva a relacionar uma novela gráfica com ilustrações capazes de criar um universo completo entre texto e imagem.



Figura 4. *Persépolis* (2007). Captura de tela do filme dirigido por Marjane Satrapi e Vincent Paronnaud.

Assim, tanto a ilustração quanto os quadrinhos continuam a se adaptar e expandir, mantendo-se como formas essenciais de expressão visual e narrativa no mundo contemporâneo.

A ilustração encontrou seu lugar no mundo das artes e da literatura, funcionando como uma ponte entre as belas-artes sem precisar ser classificada estritamente dentro delas. Ao mesmo tempo, vai além do desenho convencional, o que a coloca em uma zona intermediária, flexível e ambígua. Essa qualidade lhe confere uma versatilidade única dentro da cultura visual.

Um texto, por si só, às vezes não é suficiente para transmitir a essência de uma ideia ou o verdadeiro sentimento de uma história. A ilustração não apenas complementa a narrativa, mas também aporta profundidade, amplia o significado e pode levar o leitor a níveis de interpretação inesperados.

Ilustradores nem sempre trabalham a partir de um texto; muitas vezes, criam imagens que nascem de suas próprias emoções, experiências e histórias pessoais. Nesses casos, sua obra torna-se um reflexo de seu mundo interior, permitindo que outras pessoas se encontrem nessas representações visuais.

No entanto, quando a ilustração trabalha em conjunto com a literatura, o papel dos ilustradores adquire uma dimensão ainda mais profunda. Não se trata apenas de traduzir

visualmente um texto, mas de interpretá-lo, de mergulhar em seu significado e estabelecer um diálogo com as palavras. Nesse processo, os ilustradores aportam uma parte de si, gerando um compromisso que transcende o aspecto meramente estético. Por meio da imagem, constrói-se uma ponte afetiva entre o texto e o leitor, fortalecendo a conexão emocional e ampliando a comunicação.

Assim, a ilustração atua como uma leitura visual interpretativa da obra. O ilustrador, por meio de suas escolhas criativas, mergulha no significado do texto e oferece sua própria visão, ressaltando aspectos, sugerindo emoções e ampliando sentidos. Dessa forma, a ilustração transforma, enriquece e expande a experiência da leitura, tornando-se uma ferramenta poderosa no mundo editorial e artístico, capaz de aprofundar a conexão entre o leitor e a obra.

Capítulo 3.

3.1 A morte na cultura visual

A morte e a perda têm sido uma constante na produção visual e gráfica ao longo da história da humanidade. Sua representação esteve carregada de significados simbólicos, religiosos, filosóficos e emocionais, refletindo as diversas formas como as sociedades compreenderam e enfrentaram o fim da vida. Desde as pinturas renascentistas até a arte digital contemporânea, a imagem da morte tem servido como um veículo para explorar o luto, a memória, a transcendência e o medo do desconhecido. Ao mesmo tempo, essas representações revelam também uma dimensão íntima e profundamente humana: a necessidade de dar sentido à ausência, de prestar homenagem àqueles que já se foram e de encontrar, por meio das imagens, uma linguagem capaz de acompanhar a dor e a transformação que toda perda implica.

Nesse contexto, é possível destacar algumas manifestações visuais que ilustram como a arte se converte em ferramenta de diálogo com o fim da vida. Um exemplo notável é a série *Monjas Coroadas*, pertencente à coleção do Banco da República da Colômbia. Esta coleção reúne 46 retratos de religiosas pintadas *post-mortem* representadas em um dos momentos mais solenes da vida conventual: a morte, entendida — no contexto cristão — como o encontro definitivo com Cristo. Como afirma o próprio Banco da República: “(...) 46 retratos de religiosas retratadas em um dos momentos mais solenes vividos — e ainda vividos hoje — nos conventos femininos: a morte, considerada como o encontro definitivo com Jesus” (Banco de la República, s.f.).

Datadas principalmente dos séculos XVIII e XIX, e provenientes do Mosteiro de Santa Inês de Montepulciano, essas obras revelam uma representação cerimonial da morte: os rostos serenos das freiras são adornados com flores e símbolos religiosos, configurando uma estética que traz à tona a espiritualidade, a sacralidade e a aceitação da morte como parte do ciclo da vida. A coleção reflete uma visão em que o fim da vida não é retratado com temor ou violência, mas com delicadeza e reverência, funcionando como um espelho das crenças e valores espirituais de uma época.

De acordo com o Museu Colonial (s.f.):

O significado da morte, entendida como a consumação de um matrimônio místico com Cristo, conferia sentido a toda a vida de privações, penitências e jejuns de uma monja de clausura. Inúmeras poesias místicas, como a expressa nos versos de Santa Teresa de Ávila citados a seguir, atribuem o sentido espiritual a esses retratos de monjas coroadas, que hoje nos despedimos com gratidão:

Vivo sem viver em mim
e tão alta vida espero
que morro porque não morro.

Vivo já fora de mim,
depois que morro de amor;

porque vivo no Senhor,
que me quis para si:
quando o coração lhe dei
pôs nele este letreiro,
que morro porque não morro. [...]

Veja que o amor é forte;
Vida, não me sejas molesta,
veja que só te resta,
para ganhar-te, perder-te;
venha já a doce morte,
venha ligeiro o morrer
que morro porque não morro.

Aquela vida de cima,
que é a vida verdadeira,
até que esta vida morra,
não se goza estando viva:
Morte, não me sejas esquiva;
viva morrendo primeiro,
que morro porque não morro.



Figura 5. Sor María Gertrudis. Museo Colonial. Obra da coleção Uma despedida à coleção de freiras coroadas do Mosteiro de Santa Inês de Montepulciano.



Figura 6. Madre Genoveva del Corazón de María. Museo Colonial. Obra expuesta na coleção Uma despedida à coleção de freiras coroadas do Mosteiro de Santa Inês de Montepulciano.

A coleção das freiras coroadas, apresentada na exposição *Uma despedida à coleção de freiras coroadas do Mosteiro de Santa Inês de Montepulciano*, revela uma representação fascinante da morte por meio de retratos que a mostram de forma natural e embelezada. Esses retratos capturam a imagem das religiosas e refletem uma visão da morte como parte integrante da vida — não como algo sombrio, mas como uma passagem para a eternidade. A majestade das coroas e a solenidade das expressões transmitem uma sensação de tranquilidade e espiritualidade, humanizando o fim da vida e transformando-o em um ato de beleza e reverência. A forma como as freiras aqui retratadas falavam, se relacionavam e refletiam sobre a morte — cuja memória nos deixou esses valiosos retratos — é um convite para aprofundar a discussão sobre a representação da morte na cultura visual.

3.2 Representações históricas da morte

Nas primeiras expressões visuais da humanidade, como as pinturas rupestres e as gravuras em pedra, a morte aparecia vinculada a rituais funerários e crenças espirituais. No Antigo Egito, por exemplo, a iconografia funerária refletia a vida após a morte por meio de hieróglifos e afrescos nas tumbas, onde os falecidos eram representados em sua jornada para o além. Como aponta o artigo de *El País*,

“A histórica incerteza e o desejo de compreender o ciclo completo da vida por meio de imagens, símbolos, expressões plásticas, vídeos, instalações ou arte-objeto também encontrou seu eco e significado dentro das dinâmicas mercantis e financeiras, em praticamente qualquer época, geografia e contexto, seja com fins rituais, encomendas, buscas pessoais ou simplesmente como testemunho de cada período da história humana e cultura que percebeu a morte como uma presença inevitável” (García, 2022).

Durante a Idade Média, a arte cristã consolidou a imagem da morte dentro de uma narrativa moralizante. A iconografia do *Memento Mori* e da *Dança Macabra* lembrava a fugacidade da vida e a inevitabilidade da morte. Nessa época, a morte não era apenas um destino final, mas uma passagem para a eternidade, condicionada pelas crenças religiosas de salvação ou condenação.



Figura 7. Hull, E. (ca. 1538). Danse Macabre.

Com o Renascimento e o Barroco, as representações da morte adquiriram uma dimensão estética mais complexa. As naturezas-mortas e os retratos *post mortem* exploraram a relação entre a beleza e a decadência, a juventude e a mortalidade. Pintores como Caravaggio, com seus contrastes dramáticos de luz e sombra, evocaram a fragilidade humana por meio de imagens de martírios e cadáveres.



Figura 8. *La muerte de la Virgen* (ca. 1606). Óleo sobre lienzo. Obra de Caravaggio.

3.3 A morte na cultura visual contemporânea

Na modernidade, a representação da morte tomou múltiplas direções. No cinema, na literatura gráfica e na fotografia, a morte tornou-se um tema recorrente, abordado sob perspectivas filosóficas, existenciais e políticas. A fotografia *post mortem* do século XIX é um exemplo de como a imagem serviu para manter a memória dos falecidos, enquanto, no fotojornalismo contemporâneo, as imagens de guerra e desastres humanitários expuseram a crueza da morte no mundo real. “*Death’s visualisation, materialisation, and transfiguration permeates cultural expressions. The development of novel technologies and changing social structures following the turn of the nineteenth century [...] dramatically altered how death was understood, navigated, and communicated.*” (Alexander & Orzulak, 2024, p. 225)

O cinema, por sua vez, transformou a morte em um espetáculo visual. Desde as tragédias clássicas até os gêneros de terror e ficção científica, o cinema converteu a morte em um recurso narrativo central, frequentemente utilizado para gerar impacto emocional ou reflexão filosófica. Filmes como *O Sétimo Selo* (1957), de Ingmar Bergman, exploraram a morte a partir de uma perspectiva existencialista, na qual a finitude humana é confrontada com questões sobre sentido, liberdade e responsabilidade individual. Esse olhar está alinhado com o pensamento existencialista, que compreende a existência como ponto de partida da experiência humana, e considera que a essência do ser é construída ao longo da vida por meio de suas escolhas e da liberdade incondicional que possui (Toda Matéria, s.d.). Já o cinema de horror transformou a morte em um símbolo do medo coletivo, incorporando o desconhecido e o incontrolável como elementos centrais de tensão narrativa.

O meio audiovisual tem gerado debates em torno do uso de imagens que registram ou representam a morte, especialmente quando envolvem corpos racial e socioeconomicamente marginalizados. Alguns estudiosos analisam questões como o consentimento e a objetificação na criação, disseminação e consumo de materiais visuais, desde modelos anatômicos até fotografias de execuções e imagens de violência policial, refletindo sobre como a morte desses grupos é utilizada na arte e nos meios visuais (Alexander & Orzulak, 2024, p. 228).

Na ilustração e nos quadrinhos, a morte foi representada tanto como um evento trágico quanto como um personagem em si. Obras como *Sandman*, de Neil Gaiman, personificam a morte de forma próxima e quase reconfortante, em contraste com as representações tradicionais sombrias do esqueleto com foice. A iconografia da morte também foi amplamente explorada na cultura popular — desde o *Día de los Muertos* no México, com suas caveiras decoradas e altares coloridos, até tatuagens e arte urbana que ressignificam a morte como símbolo de identidade e resistência.

3.4 A perda e a memória na cultura visual

Para além da representação explícita da morte, a cultura visual desenvolveu estratégias para abordar o luto e a memória. A arte funerária, os monumentos comemorativos e as instalações artísticas dedicadas à perda têm permitido canalizar a dor coletiva e individual. Exemplos contemporâneos incluem as fotografias de Nan Goldin e Sophie Calle, assim como a escultura *Maman* (1999), de Louise Bourgeois, que exploram a perda a partir de uma perspectiva íntima e pessoal.



Figura 9. Maman (1999). Escultura de Louise Bourgeois.

A escultura *Maman* (1999), de Louise Bourgeois, destaca-se como uma das representações mais potentes da maternidade e da memória no campo da arte contemporânea. Com seus quase dez metros de altura, a figura da aranha evoca simultaneamente proteção e inquietação, sugerindo uma relação ambivalente com a figura materna. Bourgeois concebeu essa obra como uma homenagem à sua mãe, que trabalhava como restauradora de tapeçarias — atividade associada ao cuidado, à paciência e à reparação. Conforme analisa Mignon Nixon (2005), a aranha de Bourgeois simboliza não apenas a maternidade protetora, mas também os aspectos de fragilidade, perda e reconstrução emocional ligados ao trauma e à memória. Ao carregar ovos em seu abdômen, *Maman* torna-se também metáfora da criação e da continuidade, mesmo diante da ausência. Nesse sentido, a obra oferece um espaço simbólico onde o luto se elabora não como ruptura definitiva, mas como vínculo persistente e transformador entre quem parte e quem permanece.



Figura 10. *The Hotel* (1981). Fotografia de Sophie Calle.

Na série fotográfica e textual *The Hotel* (1981–1983), Sophie Calle transforma a prática artística em um exercício de observação íntima e transgressora. Ao trabalhar como camareira em um hotel veneziano, a artista documenta — por meio de fotografias e anotações — os vestígios deixados pelos hóspedes em seus quartos. Esses fragmentos de vida privada, reorganizados por Calle, revelam narrativas parciais, lacunares e silenciosas. Como observa Griselda Pollock (2007), a obra de Calle frequentemente tensiona os limites entre o público e o privado, entre o documentário e a ficção, operando como um dispositivo de memória que convoca a ausência e torna visível o invisível. Em *The Hotel*, a artista assume o papel de mediadora entre os rastros e os espectadores, criando um espaço poético onde a ausência física das pessoas se contrapõe à presença eloquente de seus objetos, marcas e rotinas. Assim, a obra pode ser lida como uma forma de despedida constante entre aqueles que, inevitavelmente, estão apenas de passagem por esses quartos e deixam neles uma estela de si mesmos — estela que a artista coleta com precisão e sensibilidade. Nesse gesto, Calle nos confronta com a impermanência e a inevitável despedida que habita toda experiência humana.



Figura 11. Warren and Jerry fighting, London 1978, Nan Goldin

Essa fotografia também nos convida a pensar o luto em sua dimensão simbólica. Freud (1917) já apontava que o luto não se restringe à morte física, mas pode ser desencadeado pela perda de ideais, objetos de amor ou vínculos significativos. Nesse sentido, o fim de uma relação íntima pode ser compreendido como uma forma de morte indireta: a dissolução do laço afetivo, que exige um processo de elaboração psíquica semelhante ao luto pela morte biológica. Mais recentemente, autores como Pauline Boss (1999) desenvolveram o conceito de “perda ambígua” para designar situações em que o objeto perdido permanece de alguma forma presente — como acontece nas relações que se desfazem, mas continuam a habitar a memória, o desejo e as imagens.

Assim, em *Warren and Jerry Fighting*, Goldin não apenas documenta a violência ou a vulnerabilidade, mas também o luto implícito na fratura de um vínculo amoroso. A imagem torna-se testemunho de uma morte simbólica: a do amor que se desfaz, a da intimidade que se converte em ausência. Ao fixar esse instante, a fotografia preserva aquilo que está condenado ao desaparecimento, transformando-se em espaço de memória e de elaboração do sofrimento.

As redes sociais transformaram profundamente a forma como experimentamos a morte e o luto, criando um novo espaço digital onde a memória dos falecidos é preservada e compartilhada de maneira contínua. Essa digitalização da memória promove uma espécie de imortalidade virtual, na qual as imagens, mensagens e homenagens permanecem acessíveis online, permitindo que o enlutado mantenha uma conexão simbólica com o ausente. Conforme Silva (2015) aponta, esse espaço digital possibilita a construção de um

luto coletivo e mediado tecnologicamente, que desafia as fronteiras tradicionais do tempo e do espaço, ao mesmo tempo que cria novos significados e práticas de lembrança. Dessa forma, a presença digital dos falecidos altera nossa relação com a perda, ampliando as possibilidades de memória e resistência ao esquecimento.

A morte tem sido e continuará a ser um tema central na cultura visual. As suas representações evoluem juntamente com a sociedade, refletindo as transformações na nossa percepção do fim da vida. Desde a arte religiosa até às narrativas digitais, a imagem da morte nos confronta com a nossa própria vulnerabilidade, mas também com a possibilidade de recordar, ressignificar e encontrar sentido no inevitável.

Capítulo 4.

4.1 Arte, perda e o invisível: 5 artistas e suas obras que exploram a perda e a morte

A morte, a perda e o invisível têm sido temas centrais na história da arte, manifestando-se de formas tão diversas quanto as culturas que lhes atribuem sentido. Neste capítulo, exploramos como algumas artistas conseguiram dar forma visual ao inapreensível: ao que se foi, ao que dói e ao que não se vê, mas se sente. Do surrealismo íntimo de Remedios Varo à denúncia social de Débora Arango, suas obras configuram espaços de resistência, memória e transformação. Mais do que representar o luto e a morte, elas abrem canais simbólicos para habitá-los, processá-los e ressignificá-los. Suas linguagens visuais nos convidam a reconsiderar a morte — não apenas como fim, mas como trânsito, eco persistente e ferida aberta que, paradoxalmente, pode tornar-se um limiar para novos sentidos.

4.1.1 Remedios Varo: entre dimensões, a morte como trânsito

“A verdadeira alquimia é a transformação da alma.”
— Remedios Varo

Remedios Varo (1908–1963) foi uma pintora e ilustradora espanhola cuja obra se insere no surrealismo, embora com uma voz profundamente pessoal, influenciada pela alquimia, mística, psicanálise e ciência. Em suas composições, o invisível toma forma: personagens andróginos habitam mundos interiores e mecânicos, presos entre dimensões, envoltos em arquiteturas impossíveis, fios e engrenagens que desafiam as leis da física e da lógica.

Seu estilo onírico e simbólico explora temas como a transformação, a solidão e a busca espiritual. Muitas de suas figuras parecem atravessar processos alquímicos ou rituais de conhecimento interno, o que pode ser lido como uma metáfora do luto: uma metamorfose íntima na qual o eu se desfaz para se reconstruir.

A representação de personagens em trânsito — nem vivos, nem mortos, suspensos no limiar — é fundamental para compreender a conexão entre sua obra e a perda. Varo não apenas sugere a existência de outras dimensões, mas propõe que estas convivem com o cotidiano. O intangível, aquilo que não se vê mas persiste, aparece em suas obras como parte da própria tessitura da realidade.



Figura 12. Varo, R. (1958). *Papilla estelar* [Óleo sobre masonite]. Museo de Arte Moderno, Cidade do México, México

Sua afirmação “The dream world and the real world are the same” (“O mundo dos sonhos e o mundo real são o mesmo”) resume sua visão da existência como uma continuidade entre planos. Sob essa perspectiva, a morte não é um corte absoluto, mas uma extensão do que é vital, um reflexo do que somos em outro plano do ser.

Em obras como *Papilla estelar* (1958), uma mulher enclausurada se alimenta de estrelas, num ato de comunhão com o cósmico e o transcendental. Essa imagem pode ser interpretada como uma metáfora do luto: alimentamo-nos de ausências, memórias e vínculos invisíveis que continuam a moldar nosso mundo interno.

Assim, a obra de Remedios Varo nos convida a imaginar a morte e a perda não como o outro da vida, mas como parte do mesmo tecido, como um espaço de profunda introspecção onde o invisível se revela, e o ausente, de certa forma, permanece.



Figura 13. Varo, R. (1955). Simpatía (La rabia del gato) [Óleo sobre masonite].

4.1.2 Käthe Kollwitz: a dor como testemunho

“A arte não é um meio de autoexpressão. É um meio de autodefesa contra a dor emocional da vida.”
— Käthe Kollwitz

Käthe Kollwitz (1867–1945), artista gráfica e escultora alemã, dedicou grande parte de sua obra à representação da dor humana, especialmente aquela causada pela guerra, a pobreza e a perda. Suas gravuras, litografias e esculturas emergem como documentos viscerais da angústia coletiva, tornando o sofrimento visível em sua crueza, sem ornamentos.

A morte, em sua obra, é uma presença constante — não como alegoria distante, mas como realidade tangível, íntima e devastadora. Kollwitz perdeu seu filho Peter na Primeira Guerra Mundial, e esse evento marcou profundamente sua produção posterior. Obras como *A mulher com o corpo de seu filho* (1903) ou *Os pais em luto* (1932) transbordam uma dor muda, congelada, que se aloja nos corpos e os transforma.



Figura 14. Kollwitz, K. (1903). Mãe com o corpo do filho [Litografia].

Ao contrário da sublimação ou da idealização, a representação da perda em Kollwitz é crua, densa, corpórea. A dor se encarna em gestos contidos, corpos curvados, rostos

ausentes de esperança. Sua arte se converte, assim, em denúncia e memória: um lugar onde o sofrimento encontra forma e permanência.

Kollwitz testemunha a perda não apenas como tragédia pessoal, mas como experiência social compartilhada. Em tempos em que o discurso político glorificava o sacrifício bélico, sua obra devolvia humanidade aos mortos e luto às mães, confrontando o esquecimento.



Figura 15. Kollwitz, K. (1920). *Os vivos aos mortos. Em memória de 15 de janeiro de 1919 (Luto pela morte de Karl Liebknecht)* [Xilogravura sobre papel, 35,5 × 50 cm].

4.1.3 Paula Rego: narrativas do trauma e o feminino ferido

Paula Rego (1935–2022), artista portuguesa, construiu um imaginário visual poderoso e perturbador a partir de narrativas íntimas, políticas e simbólicas. Sua obra transita entre o conto e o pesadelo, desvelando os mecanismos de opressão que atravessam o corpo feminino, a infância e o lar — espaços onde a dor muitas vezes é silenciada.

Rego aborda o trauma e a perda a partir da experiência feminina, com imagens que desafiam a passividade e a delicadeza historicamente associadas às mulheres. Em séries como *Aborto* (1998), a dor é explícita, o corpo é campo de batalha e resistência. As figuras representadas estão feridas, mas não derrotadas: há força em sua vulnerabilidade.



Figura 16. Rego, P. (2005). Joven con un feto [Pastel sobre papel, 120 × 110 cm].



Figura 17. Museu Paula Rego. [Fotografia]. Cascais, Portugal. Arquivo pessoal.

A morte em sua obra aparece frequentemente associada à violência estrutural: à repressão, ao abuso, ao abandono. A perda, nesse contexto, não é apenas de pessoas, mas de direitos, de inocência, de poder. Rego dá corpo a essas ausências, tornando-as visíveis em cenas teatralizadas que oscilam entre o grotesco e o poético.

Sua linguagem figurativa e expressiva permite que a dor se manifeste sem filtros, acolhendo o incômodo. Ao fazer isso, sua obra convida à empatia e à reflexão, questionando os limites entre o privado e o político, o individual e o coletivo.

4.1.4 Débora Arango: a morte como denúncia e resistência

Débora Arango (1907–2005), artista colombiana, foi pioneira ao representar a morte e a violência política em um país marcado por conflitos internos e repressão. Sua obra confronta o poder, o autoritarismo e o silêncio social, especialmente durante o período conhecido como *La Violencia* na Colômbia.

Arango retratou cadáveres anônimos, execuções, figuras religiosas e políticas em cenas carregadas de crítica e simbolismo. Em pinturas como *La monja y el cadáver* (1944), a

morte não é contemplação nem mistério: é escândalo, injustiça e denúncia. A figura religiosa que observa o corpo morto é também testemunha e cúmplice do horror, tensionando as relações entre fé, poder e moralidade.

A perda em sua obra é coletiva, pública e inaceitável. Arango não buscava consolo, mas consciência. Sua arte abriu caminho para o questionamento social através da pintura, num momento em que a mulher artista era profundamente marginalizada e censurada.



Figura 18. Arango, D. (1953). *13 de junho* [Aquarela sobre papel]. Museu de Arte Moderna de Medellín.

O corpo, o feminino e o político se cruzam em sua poética visual, onde a morte já não é tabu, mas grito. Sua obra devolve visibilidade aos silenciados e denuncia os pactos de impunidade. Nesse sentido, ela transforma a dor em ato político e a imagem em resistência.

4.1.5 Beatriz González: o luto coletivo e a memória gráfica

Beatriz González (Colômbia, 1938) é uma das artistas latino-americanas mais importantes do século XX e XXI. Sua obra atravessa a arte popular, o arquivo visual e a história política recente da Colômbia. Através de um olhar profundamente crítico e irônico, ela trabalha há décadas com imagens apropriadas da imprensa e dos meios de comunicação, intervindo nelas com técnicas como pintura, desenho e gravura.

A partir dos anos 80, González começa a registrar visualmente o conflito armado colombiano, tornando visível a dor que os meios de comunicação e o Estado muitas vezes

tentavam neutralizar. Obras como *Auras Anônimas* (2009), instaladas nos nichos do Cemitério Central de Bogotá, apresentam figuras silhuetadas, sem rostos, baseadas em fotografias dos mortos e desaparecidos do conflito. Essas figuras habitam o espaço funerário de forma silenciosa, como espectros que nos interpelam desde o anonimato e a ausência.



Figura 19. González. B. (2010) *Ceremony of the Crate* [Óleo sobre tela 180 × 99,7 cm].

Seu trabalho transforma a arte gráfica em um dispositivo de memória. Fala-nos do luto público, da dor social que não encontra lugar nos rituais convencionais. Em sua obra, a imagem não busca decorar, mas lembrar. Não tenta consolar, mas tornar visível aquilo que a história oficial prefere esquecer.

Beatriz González nos obriga a encarar o que incomoda: o corpo assassinado, a mãe que chora, o caixão carregado por militares. Em sua produção, a morte não é apenas um tema, mas uma ferida aberta, uma pergunta sem resposta, um exercício constante de luto coletivo.

Assim, essas cinco artistas — cada uma a partir de sua história, de seu lugar no mundo e de sua cultura — nos oferecem diferentes obras plásticas para abordar o medo, a perda, o humano e a morte. Entre elas, destaca-se Beatriz González, cuja obra profundamente crítica e engajada explora as marcas da violência, a memória coletiva e a resistência diante da perda.

A visão dessas mulheres nos abre um espaço de reflexão sobre a vida e a morte, sobre a dor e o invisível. A morte, em suas obras, aparece como uma porta que nos convida a olhar para a vida e para o presente. Cada uma aborda essa experiência a partir de uma narrativa distinta, de uma experiência singular que permanece nas imagens que nos deixam, desafiando-nos a confrontar o efêmero e o eterno.

Não é acaso que este capítulo privilegie a voz de mulheres artistas. Como aponta a crítica feminista, a história da arte esteve marcada por uma exclusão sistemática do olhar feminino, relegando as experiências da dor, do corpo e da morte à esfera privada e invisível. Essas artistas, ao contrário, transformam o íntimo em político, elaborando imagens que tornam visíveis formas de violência estrutural, traumas coletivos e feridas históricas. Como lembra Griselda Pollock, a arte produzida por mulheres reconfigura os modos de olhar, abrindo espaço para narrativas antes apagadas pela história oficial. Do mesmo modo, Judith Butler sublinha que a vulnerabilidade e o luto são experiências políticas, pois revelam a precariedade da vida compartilhada e exigem formas de reconhecimento coletivo. Ao inscreverem a perda e a morte no campo da arte, essas artistas não apenas desafiam a narrativa hegemônica que silencia o feminino, mas também reivindicam um lugar ativo no processo de memória e resistência. Sob essa perspectiva, a morte e a perda em suas obras deixam de ser destinos passivos e convertem-se em gestos de insubmissão, de imaginação e de criação de futuros possíveis.

4.2 Quatro projetos de ilustração, autobiografia e novela gráfica: narrativas visuais para atravessar a perda.

As quatro novelas gráficas — *Mother, Come Home* (2003), de Paul Hornschemeier; *Dancing at the Pity Party* (2020), de Tyler Feder; *Last Things* (2017), de Marissa Moss; e *What to Do When I'm Gone* (2018), de Suzy Hopkins e Hallie Bateman — abordam temas centrais como a morte, a ausência e o luto, explorados a partir de experiências profundamente pessoais e íntimas. Cada autor e artista desenvolveu sua obra como uma forma de enfrentar processos pessoais de perda, tornando-se referências essenciais para este projeto. As narrativas variam desde relatos autobiográficos até reflexões socioculturais sobre o luto e a perda, evidenciando como a experiência pessoal pode ser transformada em uma narrativa visual e literária com impacto emocional e conceitual.

4.2.1 *Mother, Come Home*, de Paul Hornschemeier Uma novela gráfica profunda e melancólica sobre um menino que perde a mãe e tenta compreender o mundo a partir

dessa ausência. As ilustrações acompanham com sensibilidade o processo de dor, silêncio e reconstrução emocional.



Figura 20. Hornschemeier, P. (2007). *Mother, Come Home* [Ilustração]. Drawn & Quarterly.

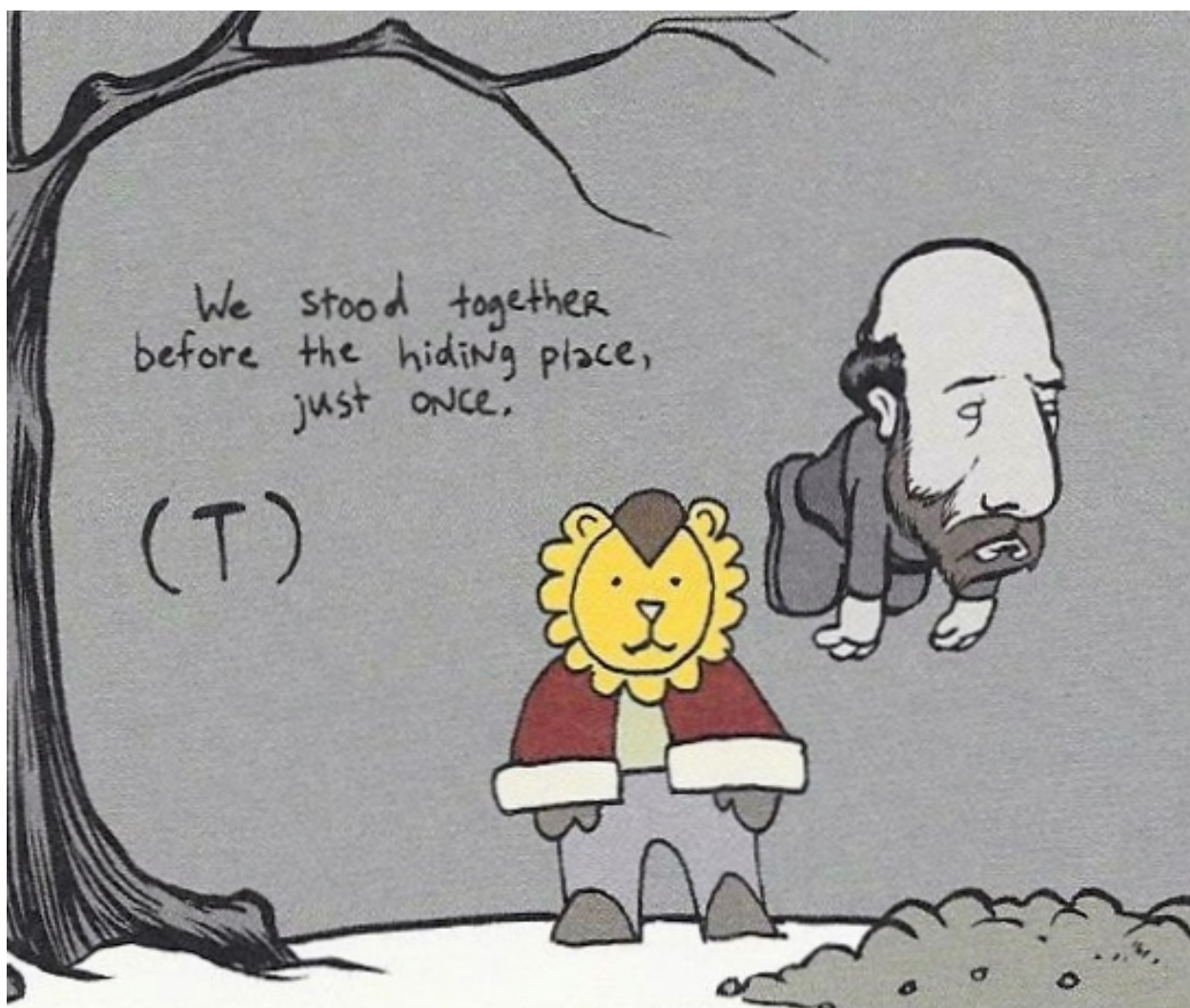


Figura 21. Hornschemeier, P. (2007). *Mother, Come Home* [Ilustração]. Drawn & Quarterly.

"Mother, Come Home" é uma referência essencial para a minha pesquisa porque aborda de forma sensível e profunda temas como a perda, o luto e a saúde mental através da linguagem da ilustração editorial. A narrativa visual transmite o silêncio, a ausência e a fragilidade emocional dos personagens de uma forma que vai além das palavras, o que demonstra o poder da imagem como ferramenta de diálogo e reflexão. A obra também evidencia o impacto do luto na infância e a inversão dos papéis familiares, temas centrais no meu projeto. A sua estética melancólica, a estrutura fragmentada e o uso simbólico da cor reforçam a potência narrativa do desenho quando se trata de representar experiências difíceis e invisíveis.

4.2.2 Dancing at the Pity Party, de *Tyler Feder* Um livro autobiográfico em forma de graphic memoir, onde a autora retrata, com sinceridade e leveza, a morte da sua mãe por cancro. Combinando humor, dor e empatia, o livro transforma o luto num processo partilhado, acessível e real.



Figura 22. Feder, T. (2019). *Dancing at the Pity Party* [Capa]. HarperCollins.



Figura 23. Feder, T. (2019). *Dancing at the Pity Party*. HarperCollins.

"Dancing at the Pity Party", de Tyler Feder, é uma referência importante para a minha pesquisa por ser uma graphic memoir autobiográfica que trata do luto de forma acessível, sensível e honesta. A autora narra a morte da sua mãe por cancro com um equilíbrio tocante entre humor, vulnerabilidade e afeto, criando uma linguagem visual que acolhe e valida a dor. A obra mostra como a ilustração pode tornar visível o sofrimento emocional e oferecer identificação a quem passa por processos de perda. Ao transformar a experiência do luto num gesto de partilha e empatia, Tyler Feder reforça o potencial da ilustração editorial como ponte para o diálogo sobre a morte e a saúde mental, especialmente entre jovens.

4.2.3 Last Things, de Marissa Moss

Uma obra autobiográfica que narra, com palavras e imagens, a jornada da autora ao acompanhar o diagnóstico e a morte do seu marido. Através de ilustrações cruas e comoventes, o livro propõe uma reflexão íntima sobre o amor, o cuidado e a perda.



Figura 24. Moss, M. (2019). *Last Things* [Ilustração]. Chronicle Books.



Figura 25. Moss, M. (2019). *Last Things* [Ilustração]. Chronicle Books.

Last Things é uma obra autobiográfica que acompanha o processo de doença terminal e morte do marido da autora, combinando texto e ilustração de forma profundamente íntima. As imagens, cruas e emotivas, expõem a vulnerabilidade do cuidado, o impacto do diagnóstico e a dureza do luto antecipado. Esta obra é uma referência para a minha pesquisa por representar, com honestidade e força visual, a experiência do fim da vida e o amor que persiste na perda. O livro evidencia como a ilustração editorial pode ser uma

ferramenta poderosa para narrar o invisível e abrir espaço para conversas necessárias sobre o morrer, o sofrimento e a memória.

4.2.4 What to Do When I'm Gone, de *Suzy Hopkins* (texto) e *Hallie Bateman* (ilustração) Estruturado como um guia ilustrado de conselhos de mãe para filha sobre como viver após a sua morte. Mistura humor, ternura e sabedoria cotidiana para enfrentar o luto com humanidade e afeto.



Figura 26. Bateman, H. (2018). *What to Do When I'm Gone* [Ilustração de H. Bateman; texto de S. Hopkins]. Scholastic.



Figura 27. Bateman, H. (2018). *What to Do When I'm Gone* [Ilustração de H. Bateman; texto de S. Hopkins]. Scholastic.

What to Do When I'm Gone é um livro ilustrado que se apresenta como um guia de vida escrito por uma mãe para sua filha, com conselhos práticos e emocionais sobre como seguir em frente após a morte materna. A obra, construída em forma de diário e manual ilustrado, percorre desde o "primeiro dia sem a mãe" até anos após a perda, combinando humor, afeto e sabedoria cotidiana. Através de ilustrações sensíveis e texto direto, o livro transforma o luto em uma experiência íntima, abordando a morte com ternura e leveza. Mais do que instruções, oferece uma presença simbólica materna que acolhe e guia, mesmo na ausência, fazendo da dor um lugar possível de cuidado, memória e reconstrução.

Estas obras foram analisadas não apenas pelo seu conteúdo emocional, mas também pelas suas estratégias visuais, cromáticas e compositivas para representar a perda. A partir delas, foi possível aprofundar a reflexão sobre como a ilustração pode traduzir afetos, evocar memórias e abrir espaços de diálogo sobre a morte no contexto contemporâneo.

Capítulo 5.

5.1 Entrevistas com 3 profissionais

Falar sobre a morte continua a ser um desafio, e encontrar espaços e pessoas que nos orientem nesse tema pode ser vital para ampliar a nossa compreensão. Entender como diferentes profissionais se relacionam com a morte em seus contextos pessoais e profissionais abre caminhos valiosos de reflexão e diálogo.

Este capítulo reúne três entrevistas realizadas com profissionais cujas trajetórias e ofícios se vinculam diretamente à morte, à perda e ao acompanhamento nos processos de fim de vida. O objetivo é oferecer múltiplas perspectivas — médicas, éticas e psicológicas — que ajudem a situar a morte não apenas como um acontecimento biológico inevitável, mas também como um processo profundamente humano, social e simbólico.

Em primeiro lugar, apresenta-se o testemunho de uma médica de família residente em Portugal, atualmente em formação como doula do fim da vida. A doula do fim da vida é uma profissional que acompanha pessoas em processo de morte, oferecendo presença, escuta e cuidado emocional, não substituindo os serviços médicos, mas ampliando-os com uma dimensão de consciência plena, intimidade e apoio à família. Sua visão oferece um olhar sensível sobre o cuidado e a importância de humanizar o processo de morrer.

As doulas do fim da vida, também conhecidas como “parteiras da morte”, desempenham um papel fundamental no acompanhamento integral de pessoas em processo de morrer e de suas famílias. Estas profissionais não médicas oferecem suporte emocional, espiritual e prático, complementando a atenção médica tradicional e focando na qualidade da experiência do fim da vida (CaringInfo, 2023). Seu trabalho inclui planejamento antecipado dos cuidados, assistência na criação de projetos de legado, apoio durante a vigília e orientação no processo de luto (AARP, 2018). Além disso, as doulas do fim da vida promovem uma visão holística e personalizada do morrer, respeitando os desejos e valores de cada indivíduo (CaringInfo, 2023). Apesar do crescente reconhecimento, a regulamentação e certificação dessas profissionais varia conforme o contexto, o que representa desafios para sua integração formal nos sistemas de saúde.

Em seguida, inclui-se a experiência de um médico colombiano que pratica a eutanásia dentro do marco legal e ético do seu país. A eutanásia, entendida como a prática médica que possibilita antecipar a morte em situações de sofrimento irreversível e sob condições reguladas, suscita debates complexos sobre ética, autonomia e dignidade. Seu depoimento traz uma perspectiva direta sobre o direito a uma morte digna, as decisões que envolvem o final da vida e o papel fundamental das instituições na compreensão da dignidade. No contexto colombiano, a eutanásia é respaldada por decisões da Corte Constitucional, como a Sentença C-239 de 1997, que despenalizou a prática sob condições específicas, e a Sentença C-233 de 2021, que ampliou o acesso para pessoas com doenças graves e incuráveis, independentemente de estarem em fase terminal. Apesar do marco

legal, persistem desafios na implementação efetiva, incluindo barreiras administrativas e a necessidade de regulamentação clara, evidenciando a complexidade do direito ao morrer dignamente e a importância do acompanhamento ético e institucional (Corte Constitucional, 1997; 2021; Desclab, 2023).

Por último, apresenta-se a entrevista com uma psicóloga colombiana que atua acompanhando processos de luto e saúde mental. A partir de sua disciplina, ela aprofunda o impacto emocional e social da perda, bem como as ferramentas necessárias para atravessá-la e integrá-la de forma mais generosa e consciente.

Dessa forma, este capítulo articula três dimensões complementares: o cuidado íntimo e humano no fim da vida, a ética do direito à morte digna e o acompanhamento psicológico no luto. A proposta é iniciar pela pesquisa qualitativa — escutando esses testemunhos profissionais — e, em seguida, relacioná-la com os dados da pesquisa realizada junto a psicólogos e psiquiatras, finalizando com a análise dos gráficos e respostas abertas que dão corpo à discussão sobre saúde mental e perda.

Falar sobre a morte continua sendo um desafio, e encontrar espaços e pessoas que nos orientem nesse tema pode ser vital para dar uma nova perspectiva à sua compreensão. Entender como diferentes profissionais se relacionam com a morte em seus contextos pessoais e profissionais pode abrir caminhos valiosos de reflexão e diálogo.

Este capítulo reúne três entrevistas realizadas com profissionais cujas trajetórias e ofícios se vinculam diretamente à morte, ao luto e ao acompanhamento nos processos de fim de vida.

Por um lado, inclui-se o testemunho de uma médica de família residente em Portugal, que atualmente se forma como doula do fim da vida. Sua visão oferece um olhar íntimo e sensível sobre o cuidado a partir da presença e da consciência plena.

Em segundo lugar, apresenta-se a experiência de um médico colombiano que pratica a eutanásia dentro do marco legal e ético do seu país. Seu depoimento traz uma perspectiva direta sobre o direito a uma morte digna, as decisões que envolvem o final da vida e o papel fundamental das instituições na compreensão da dignidade.

Por fim, entrevista-se uma psicóloga colombiana que atua acompanhando processos de luto e saúde mental. A partir de sua disciplina, ela aprofunda o impacto emocional e social da perda, bem como as ferramentas necessárias para atravessá-la e enxergá-la de forma mais generosa.

Cada entrevista foi pensada e realizada considerando o contexto profissional, cultural e humano de cada pessoa entrevistada, com o objetivo de construir um olhar amplo, empático e multidisciplinar sobre a morte e seus múltiplos significados.

5.1.1 Doula da Morte: Entrevista com Iwona – Presença, amor e consciência no fim da vida

A entrevista com Iwona, médica de família e estudante da formação de Doula do Fim da Vida em Portugal, revelou camadas profundas de sentido, espiritualidade e transformação pessoal associadas ao fim da vida. A escolha de Iwona por este caminho surgiu inicialmente de uma vivência íntima: a sobreposição da maternidade recente com o processo de morte do seu gato, que entrou em cuidados paliativos. Este acontecimento, aparentemente pequeno, gerou um impacto emocional marcante. “Precisava de apoio para viver a felicidade de ser mãe, mas também para gerir as emoções da perda. Porque eram duas estrelas no meu mundo — minha filha e meu gato.”

Essa vivência revelou um ponto central da sua motivação: a falta de espaço social e emocional para viver o luto, mesmo nas pequenas mortes cotidianas. Ela afirma: “A dor também precisa de um espaço — e nem sempre temos esse espaço.” O desejo de encontrar esse espaço e de compreender melhor o papel da morte na vida levou-a a procurar o curso de Doula do Fim da Vida, inicialmente como um percurso de autoconhecimento.

A presença é um dos pilares do seu entendimento sobre o cuidar. Iwona reconhece, a partir da sua prática médica, que muitas vezes não estava verdadeiramente presente: “Podemos estar fisicamente com alguém, mas nossa mente estar em outro lugar.” Como doula, ela aprendeu o valor da escuta ativa e da atenção consciente, especialmente em contextos de vulnerabilidade, onde o silêncio, o toque e a simples presença se tornam gestos profundamente humanos e amorosos.

Ao refletir sobre o papel das doulas, Iwona traz uma visão espiritual e filosófica da morte, relacionando-a com o apego e os ciclos naturais da existência. “No fundo, não existe vida sem morte. E não falo apenas da morte final. Falo de todas as pequenas mortes e renascimentos que vivemos ao longo da vida.” Esta visão está alinhada com os princípios de muitas práticas contemporâneas de cuidados paliativos e espiritualidade não dogmática, nas quais a morte deixa de ser tabu para se tornar parte integrante da vida.

Um momento particularmente comovente partilhado por Iwona foi a experiência durante a sua formação médica, quando esteve com uma paciente acamada que acabou por falecer no momento em que ela a tocou. “Aproximei-me, toquei nela com carinho, e esse foi o momento em que partiu. Para mim, aquilo foi a força da presença — de alguém que está e aceita aquele momento como ele é.” Esse gesto, simples e silencioso, é descrito por ela como um ato de amor e acolhimento, revelando o impacto profundo que a presença consciente pode ter no fim da vida.

Sobre a morte digna, Iwona destaca que não se trata de uma definição única, mas de algo profundamente individual. “O que é uma morte digna para mim pode ser diferente do que é para o outro.” Ela reforça a importância do testamento vital como ferramenta de autonomia, e critica a escassez de espaços para o diálogo sobre o fim da vida, inclusive no sistema de saúde. “Hoje em dia, é mais fácil falar sobre sexualidade do que sobre morte. E falar sobre sexualidade já é difícil!”

Finalmente, Iwona propõe uma mudança de paradigma na forma como pensamos a morte. Para ela, é fundamental deixar de vê-la como um encerramento. “Cada fim é um recomeço. É um ponto de continuação, e não de encerramento.” Esta visão traz à tona a possibilidade de uma narrativa mais amorosa, simbólica e espiritual em torno da morte

— algo que, segundo ela, pode transformar também a experiência do luto: “Se existe amor por alguém, acredito que podemos sentir felicidade ao saber que essa pessoa está seguindo o seu caminho e está em paz com isso.”

5.1.2 Eutanásia e Amor: Entrevista com Julio Camelo – dignidade, autonomia e presença no fim da vida

A conversa com Julio Camelo, médico colombiano com formação em bioética e uma longa trajetória no sistema de saúde pública, revelou uma abordagem profundamente ética, sensível e consciente sobre o morrer. Nos últimos três anos, Julio tem acompanhado pessoas que decidem morrer por meio da eutanásia legal no seu país. A sua prática, no entanto, vai muito além do protocolo: é um chamado ao cuidado, à escuta e à dignidade.

O seu percurso na medicina começou há mais de duas décadas, mas o envolvimento com os processos de fim de vida foi ganhando forma a partir de uma inquietação muito clara: o que significa, afinal, viver com qualidade e morrer com dignidade? Segundo Julio, “a vida não é só biológica — é também biográfica. Quando a qualidade da vida se perde, quando o sofrimento ultrapassa os limites do que é suportável, é legítimo que alguém deseje morrer. E é nosso dever, como profissionais de saúde, respeitar essa escolha.”

Uma decisão que nasce da escuta

Julio acredita que a decisão pela morte assistida nunca deve ser tomada a partir do desespero. O primeiro passo é sempre escutar, acolher e aliviar o sofrimento. Só então é possível garantir que a decisão seja tomada com clareza, informação e autonomia. “Não é só a pessoa dizer que quer morrer. Ela precisa entender as suas opções, os riscos, as possibilidades. Só assim pode decidir com liberdade.”

É a partir dessa escuta ativa e empática que Julio constrói os seus acompanhamentos — que, embora ainda sejam poucos no contexto colombiano, têm crescido com o apoio de pessoas que acreditam no direito de morrer com dignidade. Segundo ele, é uma experiência transformadora não só para quem parte, mas também para as famílias e profissionais envolvidos.

A presença como ato de amor

Para Julio, o amor está no centro destes processos. “O amor próprio é o que faz alguém dizer: não quero mais viver assim. Mas também está presente no olhar das famílias que, mesmo com dor, apoiam a decisão da pessoa que amam. É uma escolha difícil, mas profundamente humana.”

Num dos acompanhamentos mais marcantes que viveu, Julio conta que a pessoa compartilhou, momentos antes da partida, uma serenidade que surpreendeu toda a família. “Disse: estou feliz. E a família, que até então estava muito resistente, pôde então sentir paz também.” Esse momento — silencioso, íntimo, sagrado — revelou-lhe o que realmente significa estar presente: não interferir, não julgar, apenas acompanhar com amor.

Uma morte é também um ato social

Apesar da legalização da eutanásia na Colômbia, o tema ainda enfrenta muitos entraves práticos e culturais. A maioria dos médicos se recusa a participar, seja por razões religiosas, desconhecimento dos protocolos ou simples medo institucional. “Infelizmente, mais de 95% dos profissionais não estão dispostos a acompanhar estes casos. E sem o apoio técnico, muitos pedidos acabam por ser negados ou esquecidos.”

Julio aponta também a falta de formação como uma grande lacuna. “A medicina ensina-nos a salvar vidas, não a acompanhá-las até o fim. Mas a verdade é que nem sempre prolongar a vida é cuidar. Às vezes, cuidar é saber parar. É saber respeitar a vontade do outro.”

No entanto, nota-se uma mudança cultural em curso. Segundo uma sondagem recente, mais de 70% da população colombiana apoia o direito à eutanásia em casos de doença terminal e sofrimento insuportável. Um número surpreendente, sobretudo num país com tradições religiosas tão fortes. Para Julio, isso revela um desejo coletivo de reconhecer o sofrimento e devolver autonomia às pessoas no momento da morte.

O que é, afinal, uma morte digna?

Julio não acredita numa definição única. Cada pessoa constrói a sua própria ideia de dignidade, com base na sua história, valores, medos e desejos. “Para mim, uma morte digna é aquela que respeita quem eu sou. Que me permite escolher quando, onde, como e com quem partir.”

Por isso, insiste na importância do planeamento antecipado — não só no sentido jurídico, mas emocional. “Falar da morte em vida é essencial. Permite-nos fazer escolhas, aliviar a carga dos nossos entes queridos, e até viver com mais profundidade.”

A morte, para Julio, não é um fim absoluto. É um momento de passagem, sim, mas também de sentido, de amor, de reconciliação. Ao longo da entrevista, ele insiste: o sofrimento não deve ser romantizado nem prolongado. O que se deve proteger é a dignidade — essa sim, inviolável.

“Acompanhar alguém até à morte é um privilégio. É estar ali num dos momentos mais verdadeiros da vida humana. É ver o amor em ação. E é, muitas vezes, testemunhar a paz.”

Julio propõe um novo olhar sobre o morrer: mais humano, mais informado, mais compassivo. E deixa-nos com uma reflexão poderosa: “Se acreditamos na liberdade em vida, também devemos acreditar na liberdade na morte.”

5.1.3 O luto como travessia: Perspetiva clínica de Claudia Sánchez

Claudia Sánchez é psicóloga transpessoal e coach existencial com mais de doze anos de experiência clínica. Ao longo da sua trajetória, acompanhou mais de 1500 pacientes, muitos deles imersos em processos de luto profundo, transições de vida e buscas existenciais por sentido. Antes de se dedicar à psicologia, estudou comunicação social e construiu uma carreira sólida no mundo executivo, até que decidiu mudar radicalmente

de caminho para escutar o seu chamado interno: o de acompanhar pessoas nos seus processos de dor, transformação e reconexão consigo mesmas.

Hoje, o seu trabalho combina ferramentas de coaching existencial, abordagens da psicologia transpessoal, respiração consciente, escrita terapêutica, visualizações, constelações familiares e trabalho corporal. O seu olhar integra corpo, mente, alma e contexto, reconhecendo que o sofrimento humano raramente tem uma única origem ou resposta.

Na sua abordagem, o luto é compreendido como uma resposta emocional natural à perda de um vínculo significativo. Esta perda não se refere apenas à morte física de uma pessoa, mas pode também manifestar-se diante do fim de um ciclo, de uma etapa, de um território, de uma identidade ou de um sonho. “O luto aparece cada vez que deixamos algo para trás”, afirma. É, portanto, uma experiência existencial universal e inevitável.

Claudia identifica cinco etapas principais no processo de luto: choque, tristeza, raiva, aceitação e aprendizagem. No entanto, alerta que essas fases não devem ser entendidas como uma sequência linear, mas sim como movimentos cíclicos ou em espiral. “Às vezes podemos sentir que já aceitamos a perda, e dias depois voltamos à tristeza ou à raiva. O luto não é uma escada para subir, mas uma travessia cheia de curvas, voltas e pausas.”

Para ela, a raiva tem uma função vital nesse percurso. “É energia de vida, é movimento. Às vezes, é melhor estar com raiva do que completamente apagado. A raiva pode ser uma ponte para a força interior.” No entanto, observa que a sociedade nem sempre acolhe esta emoção com compreensão. “Esperam que fiquemos tristes e silenciosos, mas o luto também pode ser um grito, um soco no travesseiro, uma dança tribal ou uma carta cheia de raiva. Cada emoção precisa de espaço para se expressar.”

No acompanhamento terapêutico de pessoas enlutadas, Claudia utiliza exercícios de escrita, visualizações guiadas, diálogo com o corpo e perguntas existenciais que ajudam a ressignificar a dor. Algumas das perguntas que propõe são: **O que aprendeste com essa pessoa? Que parte tua morreu com ela? Que parte tua quer nascer agora?** Essas perguntas, afirma, são convites à transformação interior e à reconexão com o sentido. “O luto é inevitável, mas também pode ser uma oportunidade de renascimento.”

Ao falar sobre os obstáculos no acesso a acompanhamento psicológico em contextos latino-americanos, especialmente na Colômbia, menciona as barreiras económicas, culturais e institucionais. “Nos sistemas públicos como a EPS, as pessoas recebem cinco sessões de vinte minutos e depois não há continuidade nem profundidade. E a terapia privada é inacessível para muitas pessoas.” Por isso, grande parte da população busca apoio na religião ou em crenças espirituais, embora nem sempre encontrem um espaço de escuta genuína. “Algumas comunidades religiosas oferecem consolo, mas outras impõem dogmas que culpabilizam quem sofre.”

Além disso, Claudia observa que há resistência individual ao processo terapêutico. “Procurar ajuda é olhar-se no espelho. É parar de culpar os outros e perguntar-se: o que é que isto me quer ensinar? E isso dói. Nem sempre é fácil abrir essa porta.”

Sobre a morte, Claudia considera que nem todas as experiências são traumáticas. “Tudo depende das circunstâncias, da preparação, das crenças da família, e de como é vivida a despedida. Uma morte fora da ordem natural, como a de um filho, é extremamente difícil de integrar. Mas em outros casos, como quando a pessoa está a sofrer muito, a morte pode chegar como um alívio.”

Ela acredita que a espiritualidade — entendida de forma ampla e não dogmática — pode suavizar o impacto da perda. “Acreditar que a alma continua, ou que nos reencontraremos noutro plano, traz consolo. É importante dar espaço à fé, mas sem impô-la.” Trabalha também com sonhos, cartas simbólicas, imagens internas e diálogos imaginários, que permitem entrar em contacto com o inconsciente e com as dimensões mais sutis do vínculo.

Para Claudia, o luto não é algo que se supera, mas algo que se integra. “Ficamos diferentes depois de uma perda. Mais sensíveis, mais humanos, às vezes mais sábios. A dor transforma-nos. Ensina-nos o que realmente importa.” E conclui:

“A dor em si não é o problema. O problema é resistir à dor. Quando a acolhemos com presença e consciência, ela transforma-se em amor.”

Assim, a entrevista com Claudia Sánchez não apenas ilumina o luto a partir de uma perspectiva clínica e existencial, mas também suscita a necessidade de ampliar o olhar para compreender como estas questões são percebidas no campo mais vasto da saúde mental.

A análise clínica de Claudia Sánchez oferece uma compreensão aprofundada do luto como experiência existencial e inevitável, destacando tanto a sua dimensão individual quanto os desafios sociais e culturais que o atravessam. No entanto, para além da perspectiva qualitativa da entrevista, tornou-se necessário explorar de forma mais ampla como profissionais da área da saúde mental percebem estas questões no exercício da sua prática.

Com esse objetivo, foi realizada uma pesquisa junto a psicólogos e psiquiatras de diferentes contextos, permitindo observar como o tema do luto, da perda e do sofrimento psíquico se articula com o acesso ao cuidado, a educação emocional e o diálogo intergeracional. Enquanto a entrevista evidencia a singularidade da experiência subjetiva e o papel da clínica na ressignificação da dor, o inquérito complementa esta visão ao situá-la num horizonte coletivo, revelando padrões, barreiras estruturais e propostas de transformação.

5.1.3.1 A Saúde Mental: Pesquisa sobre Acesso, Educação e Diálogo Intergeracional

Falar sobre saúde mental é reconhecer que ela constitui parte essencial do bem-estar humano, especialmente diante das experiências de perda e da inevitabilidade da morte. Lidar com a finitude, com o luto e com as rupturas que atravessam a vida não é apenas um desafio existencial, mas também uma questão de saúde mental coletiva. Este questionário busca refletir sobre como as experiências emocionais, o acesso ao cuidado

psicológico e a criação de espaços seguros de escuta e acolhimento tornam-se fundamentais em todas as fases da vida, ajudando-nos a elaborar o sofrimento, dar sentido à ausência e construir recursos internos e comunitários para habitar o luto sem silenciamento.

A saúde mental não é um luxo, mas um direito. No entanto, o estigma, a desigualdade de acesso e as barreiras culturais e geracionais dificultam o cuidado integral da mente e das emoções. Compreender essas barreiras, especialmente entre diferentes gerações, nos permite imaginar soluções mais humanas, inclusivas e eficazes.

Esta etapa da pesquisa tem como objetivo compreender, a partir da perspectiva de profissionais da saúde mental, como as diferentes gerações vivenciam o cuidado psíquico, quais barreiras enfrentam e que caminhos poderiam ser trilhados para uma abordagem mais inclusiva e intergeracional. O questionário foi respondido por 19 psicólogos e psiquiatras residentes em países como Colômbia, Argentina, Japão e Espanha, sendo a maioria do gênero feminino (84,2%) e com faixa etária entre 24 e 45 anos.

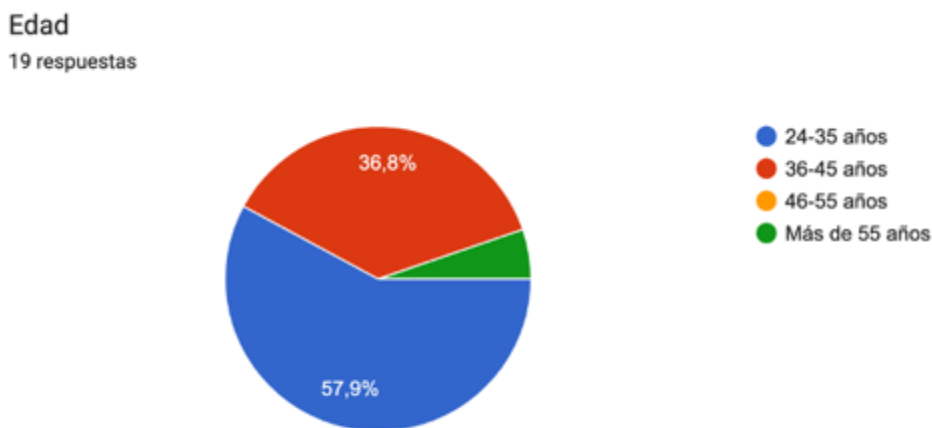


Tabela 1

Distribuição etária dos participantes da pesquisa. Dados da pesquisa realizada por Ana Sophia (2025).

Os dados quantitativos revelam um consenso importante: 89,5% consideram a saúde mental “muito importante” para a sociedade atual, e 100% apontam que sua relevância aumentou nos últimos anos. Para 78,9%, as gerações mais jovens têm mais facilidade em falar sobre o tema do que as gerações anteriores, percepção reforçada por 94,7% que afirmam que seus pais e avós enfrentaram “muito mais” estigmas ao buscar ajuda.

¿Qué tan importante crees que es la salud mental en la sociedad actual?

19 respuestas

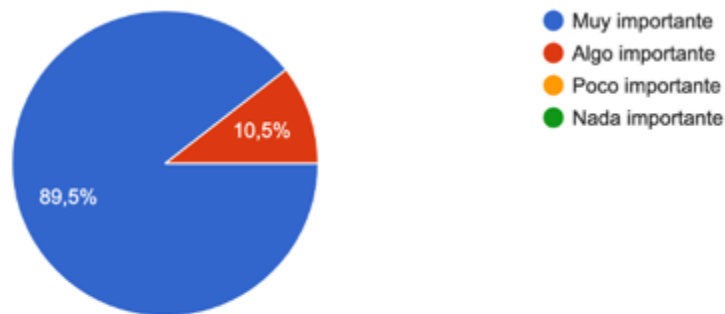


Tabela 2

Importância da saúde mental na sociedade atual. Dados da pesquisa realizada por Ana Sophia (2025).

Contudo, apesar de um avanço perceptível, ainda há desafios profundos. A maioria (78,9%) acredita que sua própria geração também enfrenta barreiras no acesso aos cuidados de saúde mental. As respostas abertas trouxeram reflexões potentes sobre essas barreiras — sociais, econômicas, simbólicas — e sobre o que precisaria mudar para superá-las. Um dos participantes afirma:

¿Alguna vez has sentido que tu generación enfrenta barreras específicas para acceder a servicios de salud mental?

19 respuestas

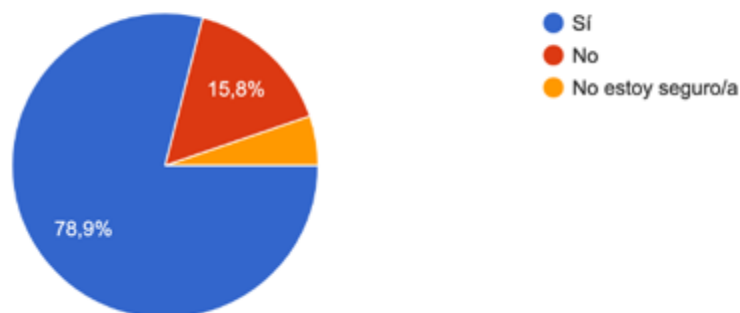


Tabela 3

Percepção de barreiras específicas geracionais. Dados da pesquisa realizada por Ana Sophia (2025).

“Deveria ser de acesso direto, como se faz com um médico clínico geral ou dentista.”

Outra resposta enfatiza a necessidade de uma abordagem interseccional:

“Precisamos de espaços de acompanhamento coletivo com enfoque diferencial e interseccional, que promovam consciência sobre a importância de reconhecer os outros e nos reconhecermos nos outros.”

Há também quem chame atenção para os efeitos perversos da desigualdade estrutural:

“Os serviços são caros, gerando uma lacuna de classe, raça e gênero. É necessário financiamento para tornar os serviços acessíveis sem precarizar os profissionais.”

Além disso, a separação mente-corpo e a negligência com o sofrimento emocional são duramente criticadas:

“Enquanto o modelo mente/corpo for separado, a saúde mental não será tratada integralmente. A demora de meses por um atendimento mostra a falta de prioridade emocional.”

Nos relatos pessoais, nota-se o peso do silêncio herdado. Uma das respondentes, que é também psicóloga, compartilha:

“Por medo do julgamento, demorei a procurar ajuda, mesmo sendo psicóloga. [...] Uma paciente de 80 anos me disse que o mais difícil de sua vida foi entender a dor da alma, pois viveu 30 anos em sofrimento sem tratamento por medo do estigma.”

Esses testemunhos reforçam que a saúde mental, embora mais visível atualmente, ainda é atravessada por desigualdades e resistências culturais profundas. A urgência, portanto, não está apenas em ampliar o acesso, mas em transformar as formas de escuta, validação e cuidado — especialmente em contextos intergeracionais.

Ao final, destaca-se um conjunto de propostas recorrentes entre os participantes:

Ao final, destaca-se um conjunto de propostas recorrentes entre os participantes, que apontam caminhos para o fortalecimento do cuidado em saúde mental. Entre elas estão a integração da saúde mental na atenção primária, a promoção da educação emocional desde a infância, a criação de espaços seguros de diálogo intergeracional e a capacitação de profissionais para lidar de forma sensível com questões relacionadas a gênero, raça, classe, idade e funcionalidade.

Esse retrato, construído a partir das vozes de profissionais da área, aponta para a necessidade de políticas públicas comprometidas com uma escuta mais empática, plural e contínua. A saúde mental não pode mais ser um privilégio ou um tabu — ela precisa ser

reconhecida como parte essencial da vida social e afetiva, desde o nascimento até a velhice.

As três entrevistas — com Iwona (doula do fim da vida), Julio Camelo (médico em processos de eutanásia) e Claudia Sánchez (psicóloga transpessoal) — revelam olhares complementares sobre a experiência da morte, da perda e do luto, convergindo num ponto comum: a necessidade urgente de ressignificar o fim da vida como um processo humano, relacional e transformador, que vai além da dimensão biomédica.

Apesar de percursos profissionais e contextos distintos, todos destacam o valor da presença consciente. Para Iwona, a presença é gesto silencioso e amoroso, capaz de acolher tanto as pequenas mortes cotidianas quanto o fim último. Para Julio, é um ato ético e amoroso que acompanha a autonomia e a dignidade da pessoa que escolhe morrer. Já para Claudia, a presença é espaço terapêutico de escuta, onde emoções como tristeza e raiva podem ser expressas sem julgamento.

Outro fio condutor é o reconhecimento do luto como travessia inevitável. Se Iwona chama atenção para a falta de espaços sociais para viver a dor, Claudia aprofunda esse olhar mostrando o luto como movimento cíclico de transformação, que pode abrir caminhos de sentido e renascimento. Julio, por sua vez, amplia a discussão ao incluir o luto das famílias nos processos de eutanásia, evidenciando como a despedida consciente pode trazer paz também para quem fica.

As três perspectivas também sublinham a necessidade de novos paradigmas culturais e institucionais. Seja na escassez de diálogo sobre a morte dentro da medicina (Iwona), na resistência dos profissionais em acompanhar a eutanásia (Julio) ou nas barreiras de acesso a terapias de luto (Claudia), emerge um cenário de silenciamento e negligência. Todos defendem, de diferentes formas, a criação de espaços de conversa, planejamento e apoio que devolvam às pessoas autonomia, dignidade e sentido no fim da vida.

Por fim, cada um, à sua maneira, aborda a dimensão espiritual da morte — não no sentido dogmático, mas como experiência simbólica, de continuidade e transformação. Para Iwona, cada fim contém um recomeço; para Julio, a morte é passagem onde o amor se revela em sua forma mais pura; para Claudia, a dor pode integrar-se em amor quando acolhida com consciência.

Assim, as entrevistas revelam que falar de morte é, paradoxalmente, falar de vida. Acolher o fim é aprender a estar presente, a respeitar a singularidade das escolhas, a permitir que a dor se expresse e a reconhecer na morte — e no luto — não apenas perda, mas também possibilidade de reconexão com o que é essencialmente humano: o amor, a dignidade e o sentido.

Capítulo 6.

6.1 Projeto editorial

Título do projeto: O amor não morreu contigo

O presente projeto teve como título preliminar *Onde dói*, numa referência à necessidade de identificar e nomear a dor associada à experiência da perda, bem como à possibilidade de a atravessar. No entanto, à medida que se aprofundou tanto o processo de investigação como a experiência pessoal que sustenta esta proposta, o título evoluiu para *O amor não morreu contigo*. Este novo título reflete uma compreensão mais amorosa e simbólica da perda, aludindo à persistência do vínculo afetivo para além da morte física.

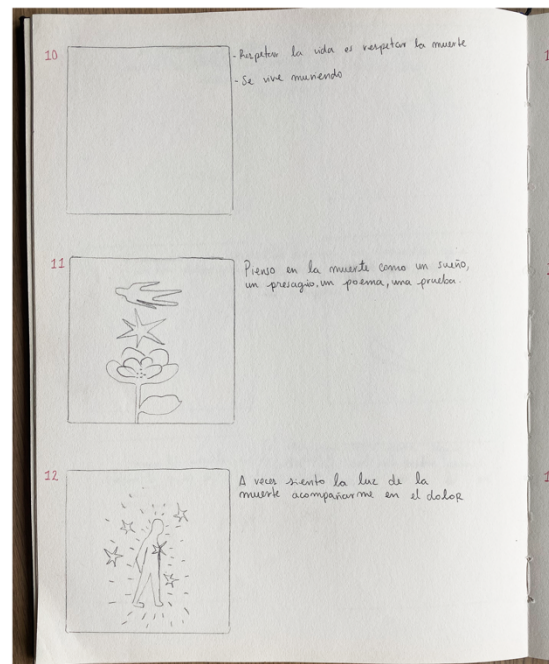
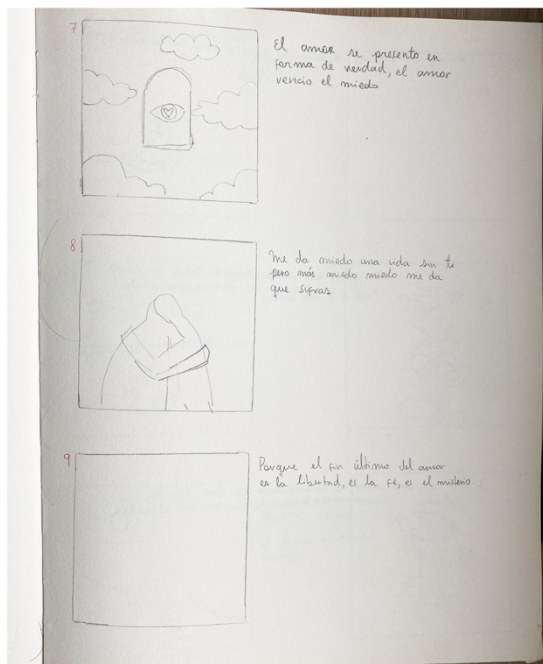
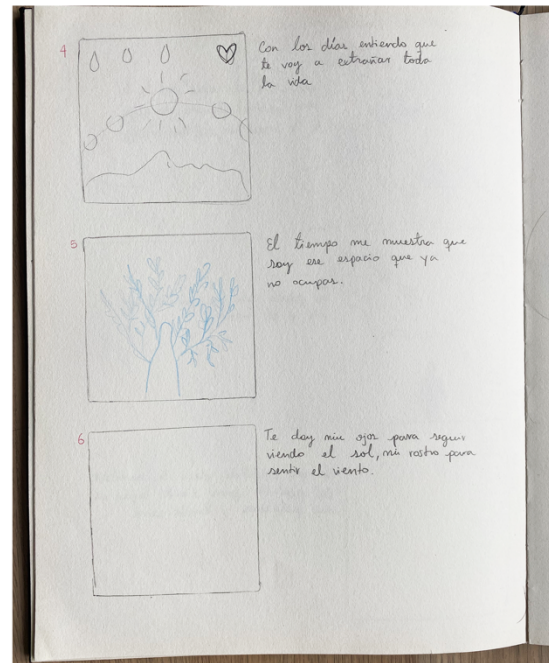
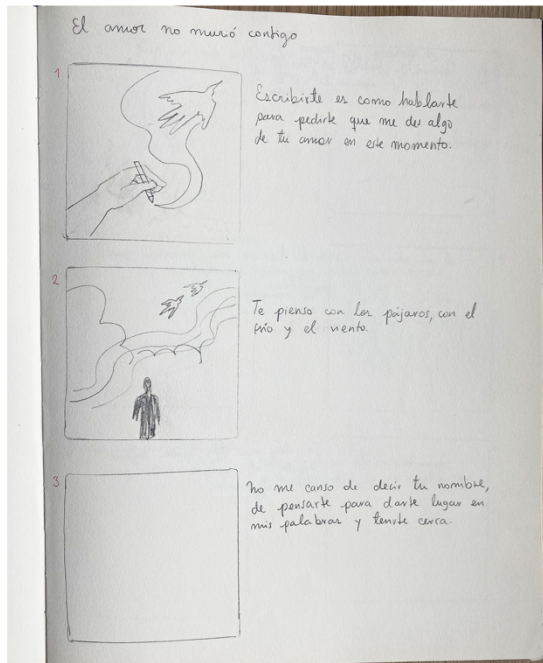
O amor não morreu contigo configura-se como uma obra editorial que propõe uma reflexão sobre a morte, a perda e a memória, através da ilustração e do texto. A partir de uma abordagem interdisciplinar e autobiográfica, o projeto procura criar um espaço de diálogo íntimo e coletivo em torno da perda, numa perspetiva estética, emocional e ética. A proposta inclui uma série de cartas interativas que convidam o/a leitor/a a habitar a sua própria experiência de perda, promovendo uma atitude de escuta e reconhecimento das emoções envolvidas nesse processo.

O desenvolvimento do projeto está profundamente influenciado por vivências pessoais de perda, que deram origem a uma série de ilustrações concebidas inicialmente como exercícios de catarse e exploração emocional. Uma delas é esta ilustração feita em abril deste ano, quando chegou a primeira certeza de que o amor não morre com quem morre.



Figura 28. Ocampo, A. S. (2025). Arquivo pessoal [Ilustração digital].

6.2 Processo de ilustração



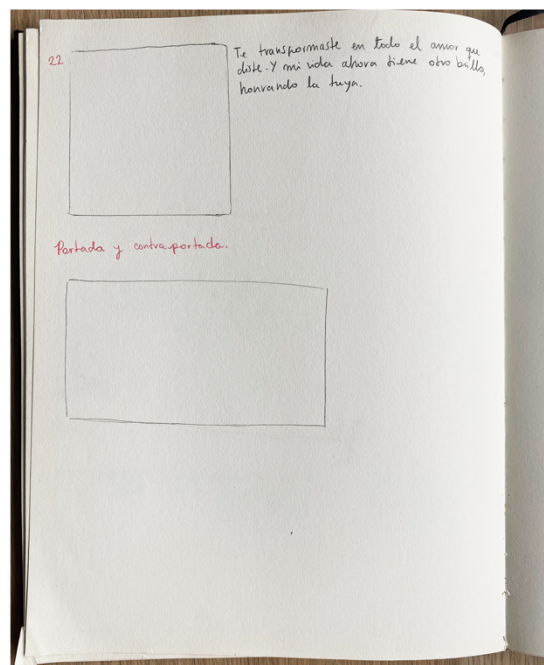
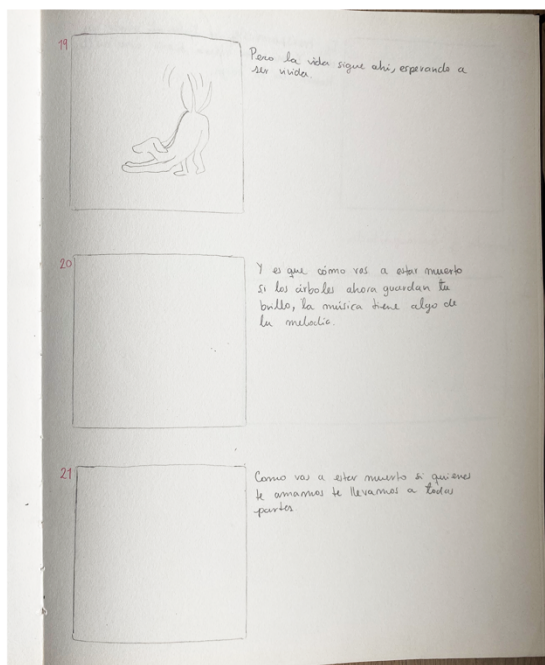
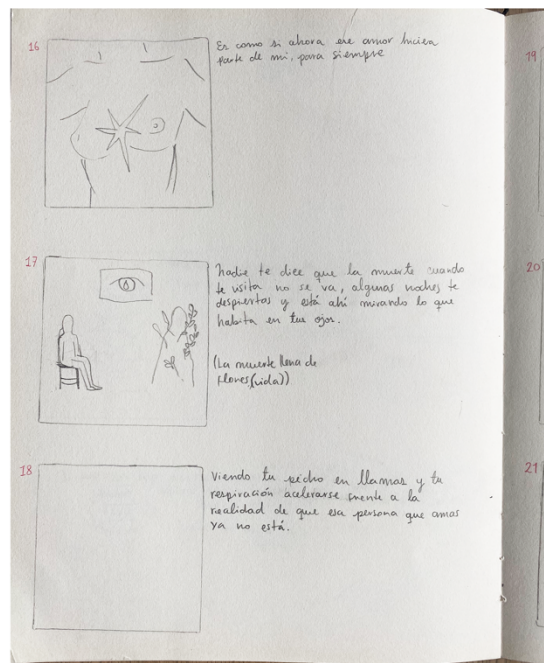
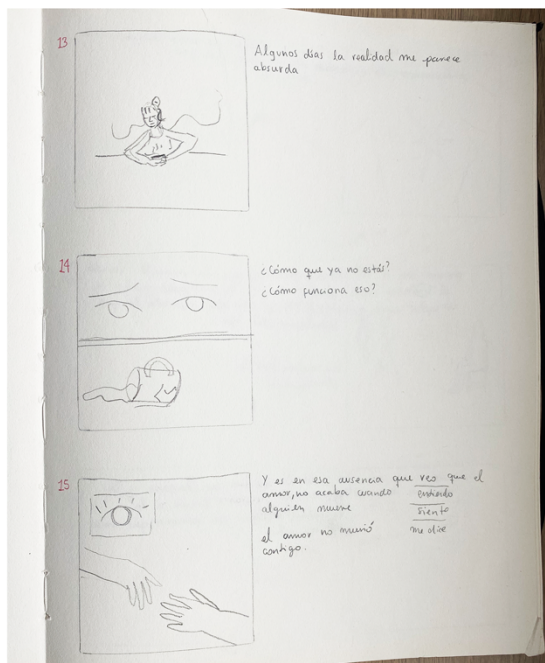


Figura 29. Ocampo, A. S. (2025). *Processo de ilustração* [Desenho a lápis sobre papel]. Arquivo pessoal.



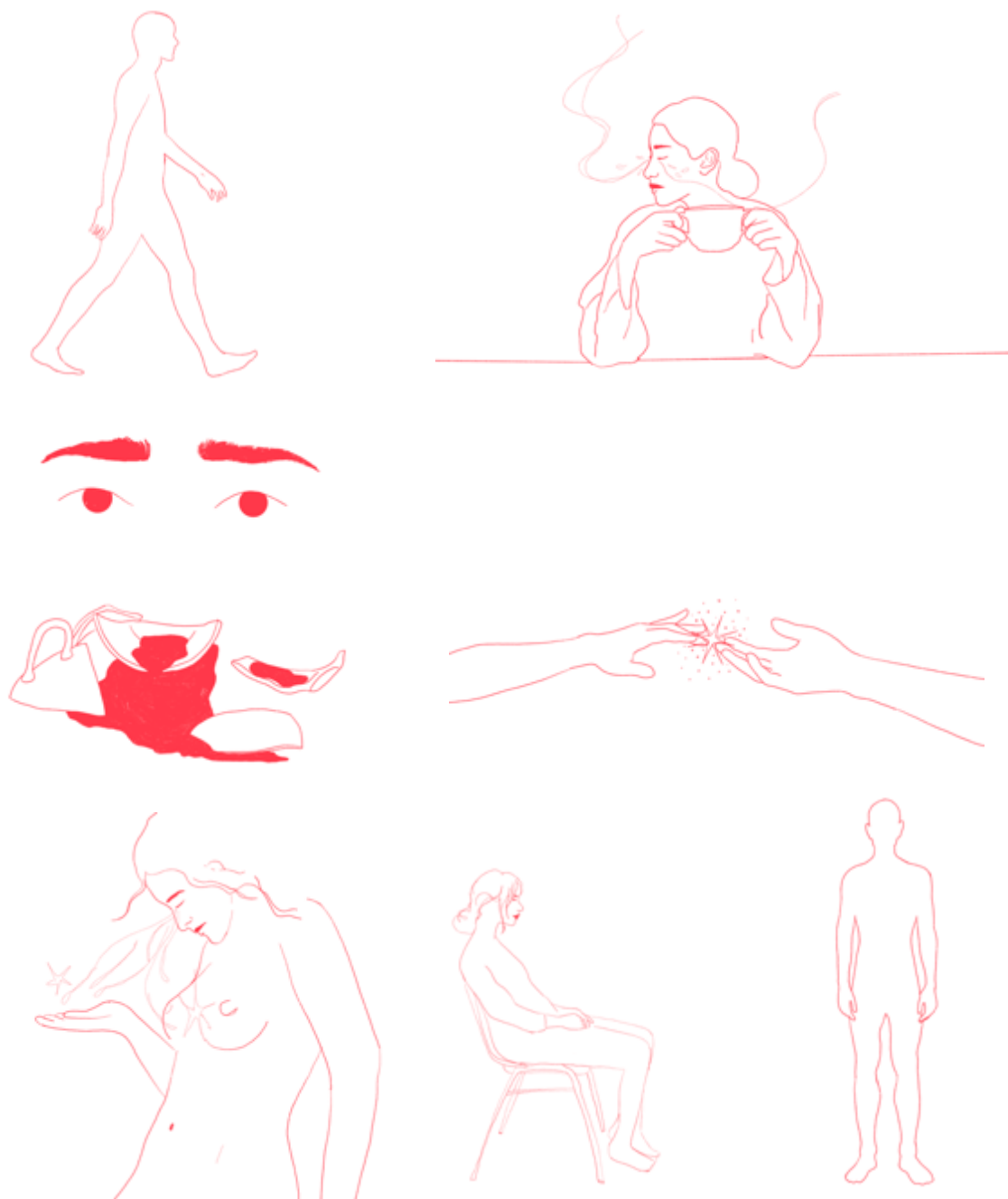


Figura 30. Ocampo, A. S. (2025). *Processos digitais* [Ilustração]. Arquivo pessoal.

Estes foram os primeiros esboços nos quais procurei aproximar-me, da forma mais fiel possível, da narrativa visual que pretendia construir, bem como da definição das personagens. Neste processo, comecei igualmente a explorar e a selecionar os elementos que, ao longo do livro, se tornariam significativos e essenciais para sustentar o relato, conferindo-lhe coerência e profundidade simbólica.

Elementos e ícones visuais do projeto:

Este livro aborda o diálogo sobre a morte a partir de uma perspectiva íntima e delicada, narrada em primeira pessoa, buscando estabelecer uma ponte de reflexão com o leitor. O texto convida a adentrar o luto, oferecendo um espaço seguro para identificação ou reflexão sobre a morte como algo inevitável, propondo abordá-la a partir do amor e da gratidão pela partida. Graficamente, a obra apresenta uma paleta de cores cálida, destacando dois personagens centrais: a morte / o morto (em preto) e a mulher que atravessa sua perda (em rosa). Esta escolha cromática busca desconstruir a associação tradicional da morte com o lúgubre e o negro com o desconhecido, permitindo que a morte seja percebida com brilho, como uma verdade resplandecente, mais próxima da iluminação do que da escuridão. As ilustrações foram cuidadosamente planejadas para que a narrativa mantenha coerência visual com o texto.

O homem que morre, inspirado em meu pai e em seu falecimento, é a primeira figura central. Representado em preto com pontos luminosos de estrelas, simboliza a perda que gradualmente é habitada pelas estrelas até se tornar a própria morte: silhuetas estelares que configuram uma forma humana, um morto que completa sua jornada rumo ao todo, retornando ao universo e habitando-o na totalidade.

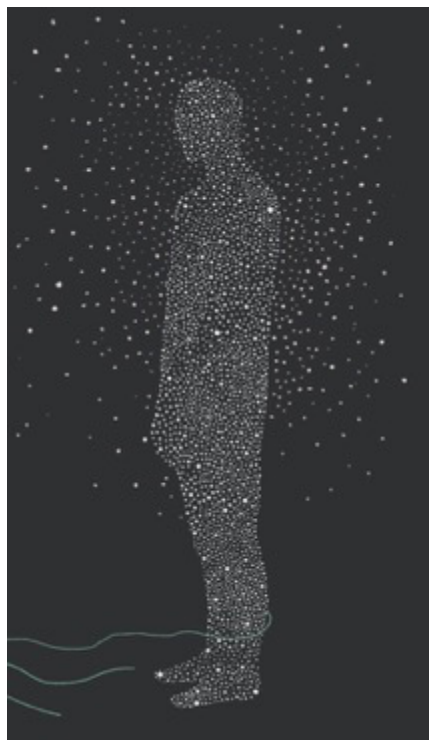


Figura 31. Ocampo, A. S. (2025). *O amor não morreu contigo* [fragmento Ilustração].



Figura 32. Ocampo, A. S. (2025). *O amor não morreu contigo* [fragmento Ilustração].



Figura 33. [Fotografia]. (2023). Arquivo pessoal.

A mulher representa de forma sensível sentimentos de negação, choque, medo, tristeza e alívio ao longo da narrativa. Seu rosto expressivo e sua silhueta em rosa acompanham os momentos em que se evidencia como a vida atravessa a dor de forma inevitável, criando espaço para a vivência e expressão das emoções.



Figura 34. Ocampo, A. S. (2025). *O amor não morreu contigo* [fragmento Ilustração].



Figura 35. Ocampo, A. S. (2025). *O amor não morreu contigo* [fragmento Ilustração].

O olho, elemento recorrente e multifacetado, oferece diversas leituras: o olho humano que chora, compreende, ama e, por meio da observação, alcança compreensão e compaixão consigo mesma e com os outros; e o olho do mistério, que contempla a perda como um milagre para compreender melhor a vida. Simbolicamente, remete também aos profissionais entrevistados que se relacionam com a morte a partir da compaixão e da confiança na continuidade da vida.



Figura 36. Ocampo, A. S. (2025). *O amor não morreu contigo* [fragmento Ilustração].

As estrelas funcionam como ponte entre a natureza, o etéreo e o sagrado, integrando visual e simbolicamente os diferentes níveis da narrativa.



Figura 37. Ocampo, A. S. (2025). *O amor não morreu contigo* [fragmento Ilustração].

O pássaro atua como mensageiro entre mundos, transitando da vida à morte, acompanhando o luto e a perda com paciência e cuidado.

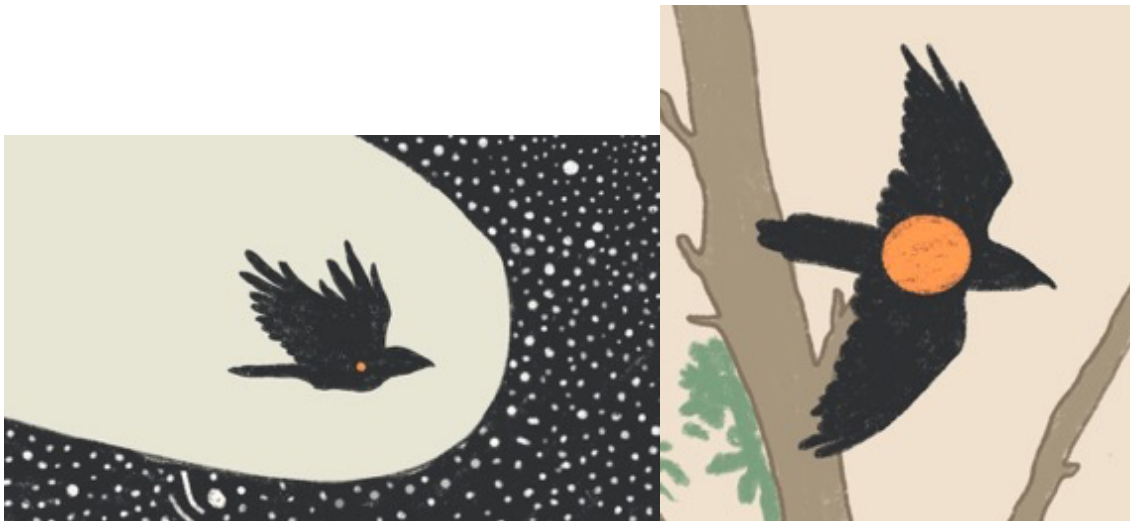


Figura 38. Ocampo, A. S. (2025). *O amor não morreu contigo* [fragmento Ilustração].

A natureza, por meio de árvores, nuvens, montanhas, plantas e paisagens, é o cenário principal e protagonista, simbolizando a impermanência e a transformação que sustentam toda a vida.

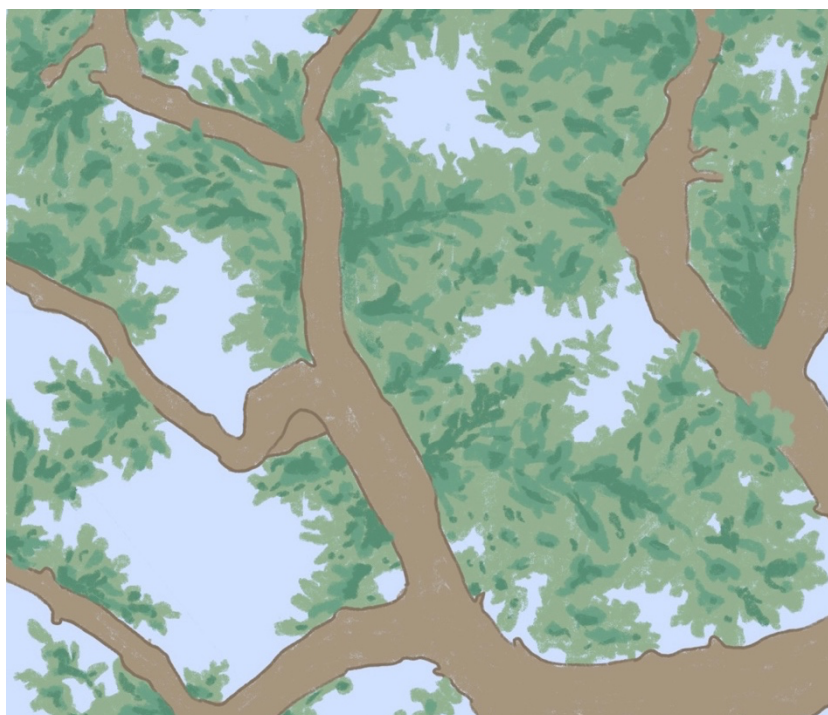


Figura 39. Ocampo, A. S. (2025). *O amor não morreu contigo* [fragmento Ilustração].

Este conjunto de elementos visuais e narrativos permite ao leitor uma experiência estética que conecta o emocional ao simbólico, reforçando a potência da arte como meio de reflexão sobre a morte, a perda e o processo de luto.

O texto original apresenta-se como uma divisão de emoções e de narrativa que vai desde o instante de enfrentar a morte até ao momento de a aceitar como uma etapa e uma mestra nas nossas vidas. Foi criado a partir de apontamentos que fui guardando ao longo de meses: notas em cadernos, a carta que li ao meu pai antes da sua morte e que voltei a ler no seu funeral. No fim, tornou-se num trabalho de unir diversos momentos do meu próprio luto para lhes dar uma voz coerente e consistente em toda a narrativa do livro.

Texto original:

1. Invocação

(Uma abertura íntima, uma espécie de carta, um ritual para chamar a presença de quem partiu)

Escrever-te é como falar contigo, como invocar-te, como pedir-te que me dês algo do teu amor para este momento.

Penso-te com os pássaros, com o frio e o vento. Não me canso de dizer o teu nome, de pensar-te para dar-te lugar nas minhas palavras e ter-te por perto.

2. Ausência que habita

(A transformação da dor, a presença na ausência)

Com o passar dos dias, percebo que vou sentir a tua falta para sempre. O tempo mostra-me que sou esse espaço que já não ocupas, dou-te os meus olhos para continuares a ver o sol, o meu rosto para sentires o vento.

3. Amor que liberta

(A decisão amorosa no meio da dor. O respeito pela vida, pelo sofrimento, pela morte)

O amor apresentou-se em forma de verdade. O amor venceu o medo:
Assusta-me uma vida sem ti, mas mais me assusta que sofras, que vivas uma vida que não te honra.

Porque o fim último do amor é a liberdade, é a fé, é o mistério.

Respeitar a vida é respeitar a morte.

4. O absurdo

(A consciência do vazio, a lógica quebrada pela perda)

Penso na morte como um sonho, um presságio, um poema, uma prova.

Às vezes, sinto a luz da morte acompanhar-me na dor. De repente, a realidade parece-me absurda. Como assim já não estás? Como é que isso funciona?

5. O amor não morre

(O amor transforma-se, permanece, habita o invisível)

Essa ausência diz-me que o amor não termina quando alguém morre.
O amor não morreu contigo.

É como se esse amor agora ficasse selado no infinito, como uma marca no meu ADN.

6. Presenças noturnas

(A morte como visita constante, o corpo como espaço habitado pela memória)

Ninguém te diz que, quando a morte te visita, ela não vai embora. Algumas noites acordas e ela está ali, a olhar o que habita nos teus olhos, a ver o teu peito em chamas e a tua respiração acelerar com o medo de que aquela pessoa que amas já não está.

Mas a vida continua ali, à espera de ser vivida.

7. Transformação

(O que fica, o que se expande, a eternidade do amor no que vive)

E então vejo-te, e sei que não podes estar morto.

Como podes estar morto, se as árvores agora guardam o teu brilho, se a música carrega algo da tua melodia?

Como podes estar morto, se aqueles que te amam te levam dentro de si para todo o lado?

Estás transformado em todo o amor que deste. Para sempre.

E a minha vida agora tem outro brilho, sabendo que honra a tua.

Este texto, que inicialmente se dividia em sete momentos do luto, foi trabalhado em simultâneo com as ilustrações para compreender o que precisava permanecer e o que poderia ser retirado, de forma a construir um texto mais limpo, que estabelecesse uma comunicação mais clara e alcançasse uma simbiose com as imagens, ficando um pouco mais curto e coerente para acompanhar a ilustração.

Finalmente, o resultado foi um texto acompanhado de 21 ilustrações, no qual a narrativa percorre do íntimo à experiência comum, criando um espaço para sentir a dor e a gratidão simultaneamente. No final do texto, propõe-se um espaço de transição que convida o leitor a refletir e fornece ferramentas para atravessar o luto: chorar, recordar e sentir.

Atualmente, o ritmo acelerado da vida, a urgência das nossas responsabilidades e a constante pressa parecem impor-nos uma agenda que não deixa espaço para o choro. Este pode surgir de forma inesperada, desencadeado por uma canção, um aroma ou qualquer lembrança que nos conecte com quem perdemos e nos parta emocionalmente.

A ferramenta apresentada, composta por 30 cartas com exercícios simples, pretende oferecer um espaço seguro para a perda, permitindo atravessá-la de forma amorosa e consciente, funcionando, idealmente, como um bálsamo frente à tristeza e uma orientação para observar a vida.

Texto final:

1. Escrever-te é como falar contigo para te pedir que me dês um pouco do teu amor para este momento.
2. Penso em ti com os pássaros, com o frio e o vento.
3. Não me canso de dizer o teu nome, de pensar em ti para te dar lugar nas minhas palavras e ter-te perto.
4. Com os dias percebo que vou ter saudades tuas para sempre.

5. O tempo mostra-me que sou esse espaço que já não ocupas.
6. Dou-te os meus olhos para continuar a ver o sol, o meu rosto para sentir o vento.
7. O amor apresentou-se sob a forma da verdade; o amor venceu o medo:
8. Tenho medo de uma vida sem ti, mas tenho ainda mais medo de que vivas uma vida que não te honra.
9. Porque o fim último do amor é a liberdade, é a fé, é o mistério.
10. Penso na morte como um sonho, um presságio, um poema, uma prova.
11. Às vezes sinto a luz da morte a acompanhar-me na dor.
12. Há dias em que a realidade me parece absurda.
13. Como é que já não estás? Como é que isso funciona?
14. Essa ausência diz-me que o amor não acaba quando alguém morre, que o amor não morreu contigo.
15. Agora esse amor faz parte de mim... para sempre.
16. Ninguém te diz que a morte, quando te visita, não vai embora; algumas noites acordas e ela está ali a ver o que habita nos teus olhos
17. Vendo o teu peito em chamas e a tua respiração acelerar perante o medo de que a pessoa que amas já não esteja.
18. Mas a vida continua aí, à espera de ser vivida.
19. E como é que podes estar morto, se as árvores agora guardam o teu brilho, a música tem algo da tua melodia,
20. Como é que podes estar morto? Nós, que te amamos, levamo-te dentro para todo o lado.
21. Transformaste-te em todo o amor que deste. E a minha vida agora tem outro brilho ao saber honrar a tua.

Livro:

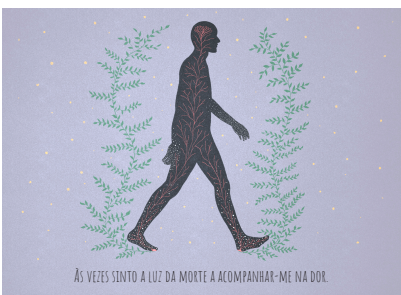
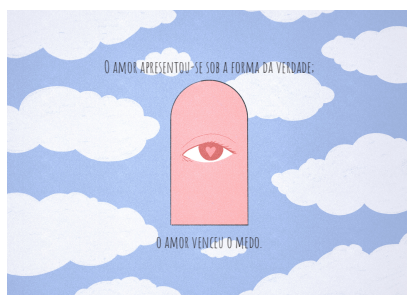
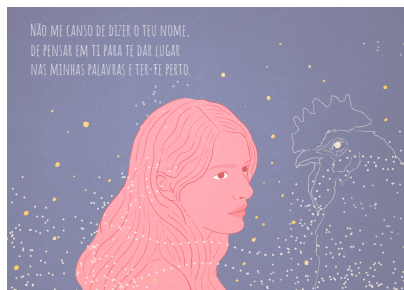
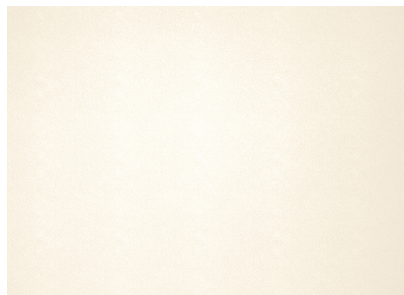
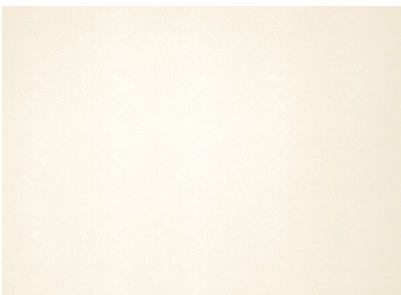




Figura 40. Ocampo, A. S. (2025). *O amor não morreu contigo* [Ilustração digital].

Este projeto é composto por duas partes: o livro e as cartas. Como ponte entre ambos, o livro inclui um espaço para escrever, um lugar íntimo onde o leitor possa dialogar consigo mesmo no meio do processo.

O propósito das cartas é oferecer **30 rituais**, ou seja, 30 oportunidades para enfrentar a dor e a morte a partir de um espaço próximo e seguro, criado unicamente para transitar a perda. Cada carta propõe um gesto ou prática que convida a socializar, tanto interna como externamente, a experiência da morte e do luto. Tratam-se de ferramentas para **nomear a dor, enfrentá-la e partilhá-la**, mas também para lhe atribuir uma dimensão sagrada àquilo que, mesmo em meio à ausência e ao inevitável, nos transforma e nos faz crescer.

As cartas são, em essência, um convite ao leitor para **apropriar-se deste processo**, para torná-lo seu, ainda que a perda continue a ser um território difícil e doloroso. Funcionam como um acompanhamento simbólico que recorda que não se caminha sozinho e que cada gesto pode abrir a possibilidade de ressignificar o vivido.

Design Cartas:





Figura 41. Ocampo, A. S. (2025). *O amor não morreu contigo* [Ilustração digital].

30 Rituais

1. Crio uma playlist em tua honra e convido outras pessoas a acrescentarem músicas.
2. Escrevo uma das minhas recordações favoritas contigo.
3. Faço uma lista de cinco coisas pelas quais te agradeço.
4. Fazo uma comida que tu gostes, com uma vela acesa para que me guies
5. Procuro-te nas árvores.
6. Encontro a primeira fotografia que tenho contigo e também a última.
7. Falo de ti a alguém que nunca te conheceu.
8. Ouço as tuas músicas preferidas.
9. Escrevo-te uma carta para te contar como me vai a vida.
10. Faço uma lista de filmes que adoravas para voltar a vê-los.
11. Detenho-me para ver um pôr do sol pensando em ti.
12. Vou comer ao lugar de que tanto gostavas e peço o que sempre pedias.
13. Sonho e planeio a viagem que não chegaste a fazer.
14. Escrevo a recordação mais triste e a mais feliz contigo; agradeço-te pelo que me ensinaste em vida e em morte.
15. Tento agir como tu agiriam diante de uma situação difícil.
16. Procuro e leio o último livro que tinhas entre mãos.
17. Pratico a tua atividade preferida.
18. Vou sozinha jantar a um restaurante que te teria agradado.
19. Escrevo cinco coisas que aprendi desde a tua partida.
20. Deixo um espaço em aberto, como gesto de entrega ao que virá.
21. Planto uma semente ou uma flor com o teu nome.
22. Coloco um objeto teu num pequeno altar e cuido dele como símbolo da tua presença.
23. Escrevo uma lista de músicas que descobri depois da tua partida e que gostaria de te ter mostrado.
24. Faço um desenho, colagem ou ilustração inspirado em ti.
25. Releio as nossas conversas ou cartas e resgato uma frase que guardo como mantra.
26. Caminho por um lugar onde costumávamos ir e reparo nos detalhes como se estivesses a vê-los comigo.
27. Envio uma mensagem (real ou simbólica) a alguém que também te quis bem, para recordarmos juntos.
28. Escrevo um desejo ou um sonho por cumprir que me acompanha graças a ti.
29. Deixo um espaço de silêncio de vez em quando, apenas para te sentir no invisível.
30. Crio o meu próprio ritual.

Mock up livro



Figura 42. Mockup do livro, O amor não morreu contigo, Elaboração própria.

Mock up cartas

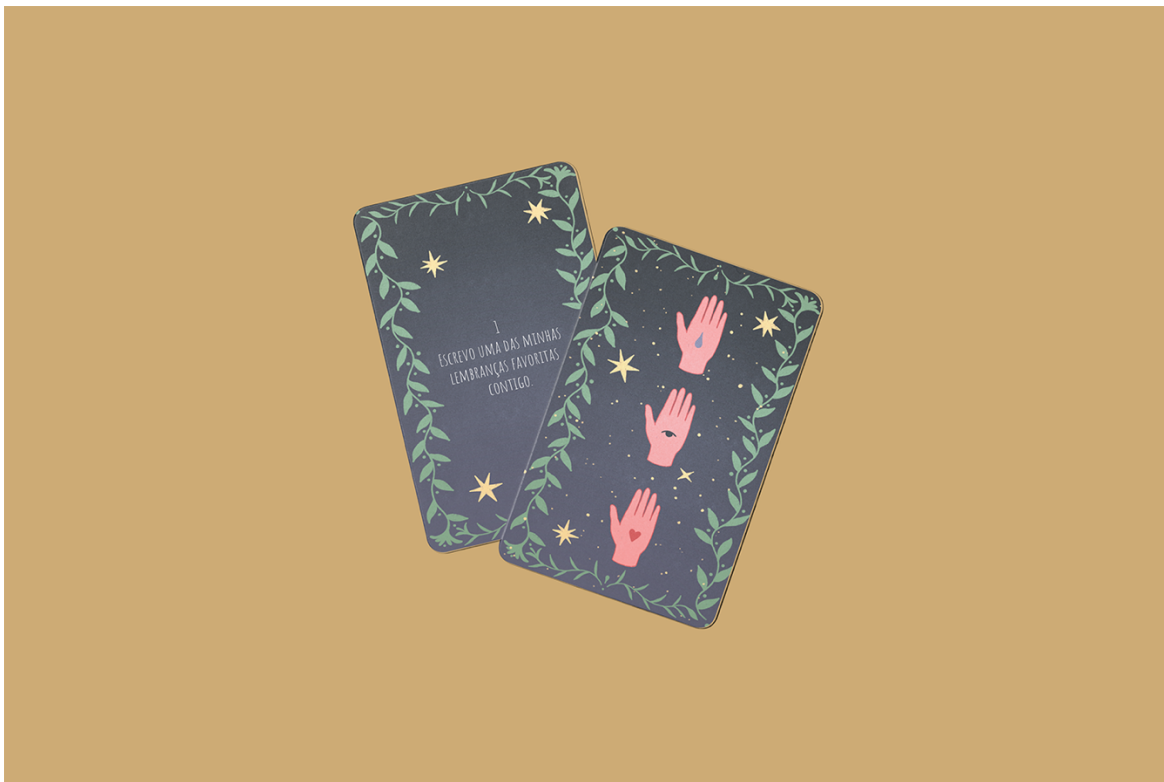




Figura 43. Mockup cartas do projeto, O amor não morreu contigo, Elaboração própria.

Design de embalagem

Como parte do projeto, o livro e as cartas são apresentados dentro de uma bolsa especialmente concebida para contê-los. Este elemento não apenas facilita a sua portabilidade, mas também simboliza um espaço de acolhimento e cuidado, um lugar onde ambos os objetos permanecem unidos e disponíveis no momento em que a pessoa deseja parar, sentar-se e abrir o diálogo com o luto. A bolsa, assim, transforma-se em um contêiner físico e simbólico, que acompanha o processo de leitura e de interação com as cartas e o livro.



Figura 44. Mockup de tote bag. Elaboração própria.

Capítulo 7.

7.1 Considerações Finais e Conclusão

Este projeto buscou habitar um território complexo e, muitas vezes, inominável: aquele em que a dor da perda se encontra com a potência criativa da imagem. A experiência do luto, ao ser transfigurada em criação, revela que a morte não constitui apenas um espaço de sofrimento, mas também um lugar de expansão, gratidão e continuidade da vida. Ao longo deste percurso, tornou-se evidente que a morte, longe de ser apenas um fim irrevogável, pode ser compreendida como um convite à escuta, à memória e à continuidade vincular com a própria existência.

A análise de diversas tradições culturais, filosóficas e espirituais mostrou que não existe uma única forma de representar a morte, mas múltiplas narrativas que refletem modos singulares de habitar e significar a finitude. As cosmovisões tibetanas, afro-brasileiras e latino-americanas revelam que a morte não é ruptura definitiva, mas trânsito, laço e comunhão entre gerações. A partir dessas perspectivas, a morte converte-se em um chamado a reconhecer nossos ancestrais e a lhes conferir um lugar na vida cotidiana, transcendendo o paradigma ocidental moderno que a reduz a mera ausência ou negação.

No campo artístico, a obra de mulheres como Remedios Varo, Käthe Kollwitz, Paula Rego, Débora Arango e Beatriz González evidenciou que a arte é capaz de tornar visível o invisível, transformar o trauma em denúncia e a ausência em memória coletiva. Suas linguagens visuais demonstram que a perda não constitui apenas uma experiência íntima e individual, mas também um gesto social e político, capaz de interpelar a memória coletiva e as estruturas culturais que nos configuram. Além disso, essas produções mostram que o fim ou a ruptura também podem operar como motores criativos, inaugurando novas formas de expressão e de sentido.

As entrevistas com profissionais da saúde mental, médicos e doulas da morte trouxeram a este trabalho um olhar clínico e ético fundamental, sublinhando que a escuta e o cuidado são dimensões inseparáveis de qualquer prática que se aproxime da experiência de morrer. Esses testemunhos evidenciam que acompanhar a perda implica preservar a dignidade do humano até o seu último instante. Do mesmo modo, o inquérito realizado reafirmou a urgência de integrar a educação emocional e o diálogo intergeracional como pilares para compreender a saúde mental e o luto. Em conjunto, essas vozes nos convocam a preparar-nos para a morte — única certeza inelutável da condição humana — como uma forma de estarmos mais plenamente preparados para a vida.

O resultado deste processo — a publicação editorial *O Amor Não Morreu Contigo* — pretende constituir-se em algo mais do que um livro: busca ser um espaço de ressonância e de acompanhamento, onde imagens e palavras possam acolher a dor, honrar a memória e afirmar a vida que persiste. A ilustração, concebida como linguagem universal e veículo simbólico, revelou-se aqui como uma ferramenta poderosa e singular para nomear o inominável, acompanhar o inacabado e propor uma nova gramática afetiva do luto.

Em síntese, este trabalho permite concluir que a ilustração editorial pode funcionar como ponte entre gerações, culturas e experiências pessoais, favorecendo a empatia, o diálogo e a reconstrução simbólica. Ao articular experiência pessoal, investigação acadêmica e criação artística, esta dissertação reafirma que desenhar sobre o que dói não é apenas um gesto estético, mas também um ato de cuidado, de resistência, de coragem e, em última instância, de amor.

Capítulo 8.

8.1 Índice de Figuras

1. Bojacá, N. (2021). Fotografía Periódico UNAL.....	14
2. Iluminação do Livro de Horas manuscrito e iluminado, ca. 1480. Museu de Artes Decorativas, Chile.....	15
3. The Yellow Kid. Imagem: The Yellow Kid. (1895)	17
4. Satrapi, M. (2007). Persépolis (captura de tela)	18
5. Sor María Gertrudis. Museo Colonial.....---	22
6. Madre Genoveva del Corazón de María. Museo Colonial.....	22
7. Hull, E. (ca. 1538). Danse Macabre.	24
8. La muerte de la Virgen (ca. 1606). Óleo sobre lienzo. Obra de Caravaggio.....	25
9. Bourgeois, L. (1999). Maman.....	27
10. The Hotel (1981). Fotografía de Sophie Calle.	28
11. Warren and Jerry fighting, London 1978, Nan Goldin.....	29
12. Varo, R. (1958). Papilla estelar.....	32
13. Varo, R. (1955). Simpatía (La rabia del gato)	33
14. Kollwitz, K. (1903). Mãe com o corpo do filho.....	34
15. Kollwitz, K. (1920). Os vivos aos mortos.....	35
16. Rego, P. (2005). Jovem com um.....	36
17. [Fotografia]. Cascais, Portugal. Arquivo pessoal.....	37
18. Débora Arango, 13 de junio, 1953.	38
19. Ceremony of the Crate (2010) .Óleo sobre tela, 180 × 99,7 cm, de Beatriz Gonzále..	39

20. Hornschemeier, P. (2007).	
Mother, Come Home [Ilustração]. Drawn & Quarterly.....	41
21. Hornschemeier, P. (2007).	
Mother, Come Home [Ilustração]. Drawn & Quarterly.....	42
22. Feder, T. (2019). Dancing at the Pity Party [Capa]. HarperCollins.....	43
23. Feder, T. (2019). Dancing at the Pity Party. HarperCollins.....	44
24. Moss, M. (2017). Last Things [Capa]. New Harvest.....	45
25. Moss, M. (2017). Last Things [Ilustração]. New Harvest.....	46
26. Bateman, H. (2018). What to do when I'm gone [Ilustração]. Grand Central Publishing.	47
27. Bateman, H. (2018). What to do when I'm gone [Ilustração]. Grand Central Publishing.	48
28. Ilustração digital, arquivo pessoal 2025.....	60
29. Processo a lápis e sobre papel, arquivo pessoal.....	62
30. Processos digitais, arquivo pessoal 2025.....	64
31. (<i>Provable: Ilustração/Fragmento do Projeto Autoral</i>)	66
32. (<i>Provable: Ilustração/Fragmento do Projeto Autoral</i>)	66
33. (<i>Provable: Ilustração/Fragmento do Projeto Autoral</i>)	67
34. (<i>Provable: Ilustração/Fragmento do Projeto Autoral</i>)	67
35. (<i>Provable: Ilustração/Fragmento do Projeto Autoral</i>)	68
36. (<i>Provable: Ilustração/Fragmento do Projeto Autoral</i>)	68
37. (<i>Provable: Ilustração/Fragmento do Projeto Autoral</i>)	69
38. (<i>Provable: Ilustração/Fragmento do Projeto Autoral</i>)	69
39. Ocampo, A. S. (2025). O amor não morreu contigo [fragmento Ilustração].....	70
40. Ocampo, A. S. (2025). O amor não morreu contigo [livro].....	75

41. (<i>Provable: Ilustração/Mockup do Projeto Autoral</i>)	77
42. Mockup do livro, O amor não morreu contigo, Elaboração própria.....	79
43. Mockup cartas do projeto, O amor não morreu contigo, Elaboração própria.....	81
44. Mockup de tote bag. Elaboração própria.....	82

8.2 Bibliografia

Adichie, C. N. (2021). *Notas sobre el duelo* (M. Pérez, Trad.; obra original publicada en 2021). Literatura Random House.

Auster, P. (1982). *A invenção da solidão* (J. R. Siqueira, Trad.; obra original publicada en 1982). Companhia das Letras.

Barthes, R. (1980). *A câmara clara* (J. C. Guimarães, Trad.; obra original publicada en 1980). Gallimard / Nova Fronteira.

Berger, J. (2006). *Modos de ver* (Jorge Leandro Rosa, Trad.; obra original publicada en 1972). Antígona.

Boss, P. (1999). *Ambiguous loss: Learning to live with unresolved grief*. Harvard University Press.

Butler, J. (2004). *Vida precária: el poder del duelo y la violencia* (F. Rodríguez, Trad.; obra original publicada en 2004). Paidós.

Camus, A. (1942). *O mito de Sísifo* (U. Tavares Rodrigues, Trad.; obra original publicada en 1942). Gallimard / Record.

Damásio, A. (1996). *O erro de Descartes* (obra original publicada en 1994). Editorial Andrés Bello.

Derrida, J. (2005). *Cada vez única, o fim do mundo* (P.-A. Brault & M. Naas, Trad.; obra original publicada en 2001). Pre-Textos.

Freud, S. (1917). *Luto e melancolia* (Traductor pendiente; obra original publicada en 1917). Imago.

Heidegger, M. (1927). *Ser e tempo* (Traductor pendiente; obra original publicada en 1927). Niemeyer.

Lama, S. (1980). *Bardo Thödol: O livro tibetano dos mortos*. Editorial Kairós.

Leavy, P. (2015). *Method meets art: Arts-based research practice*. Guilford Press.

Rinpoche, S. (1992). *O livro tibetano da vida e da morte*. Editorial Kairós

Sartre, J.-P. (1943). *O ser e o nada* (Traductor pendiente; obra original publicada en 1943). Almedina.

Satrapi, M. (2000). *Persepolis*. L'Association.

“La Ilustración y el diseño gráfico como lenguaje”. (2005). Repositorio Unitec.
<https://repositorio.unitec.edu.co/handle/20.500.12962/1492>

“Más allá de la imagen: una mirada cercana a la ilustración editorial”. (2019). *Revista UNAM*. https://www.revista.unam.mx/wp-content/uploads/v20_n4_a1_Mas-alla-de-la-imagen-una-mirada-cercana-a-la-ilustracion-editorial.pdf

Alexander, K. P., & Orzulak, J. L. (2024). Introduction: Death in Visual Culture, Visual Cultures of Death. *Mortality*, 29(2), 225–230.
<https://doi.org/10.1080/13576275.2024.2340278>

“Las pérdidas y sus duelos / Loss and mourning”. (2007). *Scielo*.
https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1137-66272007000600012

“Locura, salud mental y ciudadanía: del individualismo posesivo al neoliberalismo”. (2018). *Rev. Asoc. Esp. Neuropsiq.*, 38(134), 515–545.
https://scielo.isciii.es/scielo.php?pid=So211-57352018000200010&script=sci_abstract

Blogs y artículos en línea

Chhabria, N. (s.f.). *Why is Illustration Important: Discovering the field of illustration*.
<https://www.thelastpigment.com/blog2/why-is-illustration-important-discovering-the-field-of-illustration>

Fluent in the Language of Art: Communicating Beyond Words. (s.f.). Medium.
https://medium.com/@yil_kal07/fluent-in-the-language-of-art-communicating-beyond-words-17503c60ce8f

Drawing: A Language for Learning. (s.f.). MoNA Museum.
<https://www.monamuseum.org/mona-blog/drawing-a-language-for-learning>

The Art of Storytelling: How Illustrators Bring Narratives to Life. (s.f.).
<https://navinachhabria.medium.com/the-art-of-storytelling-how-illustrators-bring-narratives-to-life-8b72c75695c3>

Defining the Art of illustration. (s.f.). Aesthetica Magazine.
<https://aestheticamagazine.com/defining-the-art-of-illustration/>

La ilustración como herramienta de comunicación. (2024, mayo). Arquitexto.
<https://arquitexto.com/2024/05/la-ilustracion-como-herramienta-de-comunicacion>

Experimenta. (2018). *550 aniversario de la imprenta: Gutenberg y el origen de la revolución gráfica*. <https://www.experimenta.es/noticias/grafica-y-comunicacion/550-aniversario-de-la-imprenta-gutenberg-y-el-origen-de-la-revolucion-grafica>

BiblioRedes. (2020, 26 de agosto). *Historia del cómic*. <https://biblioredes.gob.cl/bibliotecas/maipu/noticias/historia-del-comic>

Bojacá, N. (2021, 26 de agosto). *Colombia apenas conoce el 1 % de sus pinturas rupestres*. Periódico UNAL. <https://periodico.unal.edu.co/articulos/colombia-apenas-conoce-el-1-de-sus-pinturas-rupestres>

García, A. (2022, marzo 18). *La costosa obsesión por la muerte en el arte*. El País. <https://elpais.com/america/sociedad/reinterpretar-el-lujo/2022-03-18/la-costosa-obsesion-por-la-muerte-en-el-arte.html>

National Geographic Portugal. (2024, 22 de febrero). *Doulas da morte: o que são e para que servem no final da vida*. <https://www.nationalgeographic.es/ciencia/2024/02/doulas-muerte-final-vida-que-son-para-que-sirve>

Comunidade Doulas do Fim da Vida. (s.d.). *O que é uma Doula do Fim da Vida*. <https://www.doulasdofimdavida.com/>